

ILUSTRAÇÃO



BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna
que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "

será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

" SUDOREX "

aparelho portatil de
BANHOS DE VA-
POR EM CASA

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



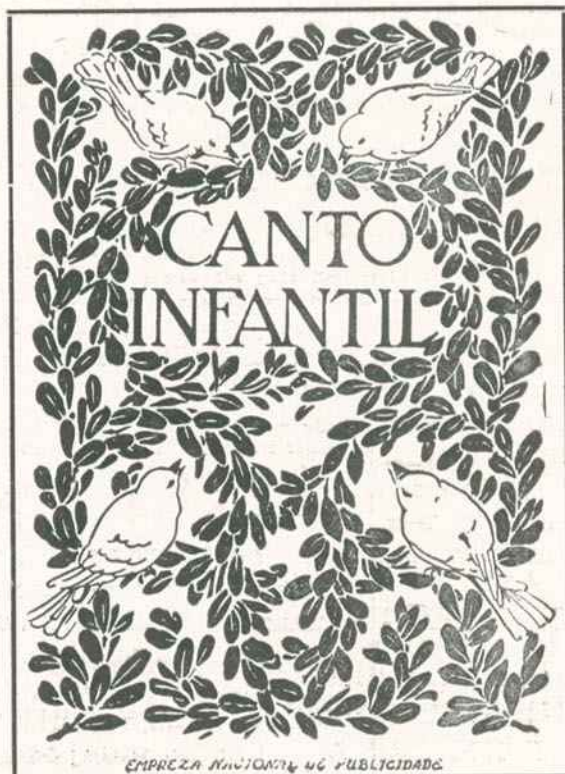
MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS **THERMAS**



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS **SUDOREX**

A VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS
SUDOREX
102 Rue de La Boetie - PARIS (8e)
Brochura n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS DE VAPOR



Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

PREÇO: 10\$00

*A venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS
 Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias*

ESTÁ À VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado **10\$00**
 Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

33.º — ANO — 1932

**Pedidos à
 LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Lithinés

du Docteur Gustin

Para preparar economicamente

**uma água alcalina,
litinada, digestiva**

muito eficaz no tratamento das
afecções de

Figado, Rins, Bexiga e Estomago.

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

...

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



GRATIS



**V. Ex.^a
quererá
este livro
de cozinha**

É mais alguma coisa do que uma co-
lecção de receitas deliciosas. Ensiná-la-á
a fazer os seus pratos favoritos mais sabo-
rosos e apatitosos com Maizena Duryea,
um dos grandes alimentos naturais, que dá
força, energia e promove boa saúde.

Peça um exemplar GRATIS. Preencha
e envie o coupon abaixo

MAIZENA DURYEA

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L.^{DA}—Rua dos Sapateiros, 115, 2.^o—LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade

“EVA”

- uma linda capa -

Uma elegante primeira pá-
gina—Uma sensacional pá-
gina central—Os mais lin-
dos figurinos

Primorosa colaboração literária:

Artigos, Crónicas, Crítica literária,
Conselhos e alvites, Culinária

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|---|--|--|
| <p>1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—A RODA DA LUA, 1 vol.</p> <p>3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.</p> <p>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</p> <p>4—1.^a parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>, 1 vol.</p> <p>5—2.^a parte—<i>O deserto de gelo</i>, 1 vol.</p> <p>6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.</p> <p>7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES, 1 vol.</p> <p>8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.</p> <p>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</p> <p>9—1.^a parte—<i>América do Sul</i>, 1 vol.</p> <p>10—2.^a parte—<i>Austrália Meridional</i>, 1 vol.</p> <p>11—3.^a parte—<i>Oceano Pacifico</i>, 1 vol.</p> <p>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:</p> <p>12—1.^a parte—<i>O homem das águas</i>, 1 vol.</p> <p>13—2.^a parte—<i>O fundo do mar</i>, 1 vol.</p> <p>A ILHA MISTERIOSA:</p> <p>14—1.^a parte—<i>Os naufragos do ar</i>, 1 vol.</p> <p>15—2.^a parte—<i>O abandonado</i>, 1 vol.</p> <p>16—3.^a parte—<i>O segredo da ilha</i>, 1 vol.</p> <p>MIGUEL STROGOFF:</p> <p>17—1.^a parte—<i>O correio do Czar</i>, 1 vol.</p> <p>18—2.^a parte—<i>A invasão</i>, 1 vol.</p> <p>O PAÍS DAS PELES:</p> <p>19—1.^a parte—<i>O eclipse de 1860</i>, 1 vol.</p> <p>20—2.^a parte—<i>A ilha errante</i>, 1 vol.</p> <p>21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.</p> <p>22—AS ÍNDIAS NEGRAS, 1 vol.</p> <p>HEITOR SERVADAC:</p> <p>23—1.^a parte—<i>O cataclismo cósmico</i>, 1 vol.</p> <p>24—2.^a parte—<i>Os habitantes do cometa</i>, 1 vol.</p> <p>25—O DOUTOR OX, 1 vol.</p> <p>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</p> <p>26—1.^a parte—<i>A viagem fatal</i>, 1 vol.</p> <p>27—2.^a parte—<i>Na África</i>, 1 vol.</p> | <p>28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.</p> <p>29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.</p> <p>30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA, 1 vol.</p> <p>A CASA A VAPOR:</p> <p>31—1.^a parte—<i>A chama errante</i>, 1 vol.</p> <p>32—2.^a parte—<i>A ressuscitada</i>, 1 vol.</p> <p>A JANGADA:</p> <p>33—1.^a parte—<i>O segredo terrível</i>, 1 vol.</p> <p>34—2.^a parte—<i>A justificação</i>, 1 vol.</p> <p>AS GRANDES VIAJENS E OS GRANDES VIAJANTES:</p> <p>35—1.^a parte—<i>A descoberta da terra</i>, 1.^o vol.</p> <p>36—1.^a parte—<i>A descoberta da terra</i>, 2.^o vol.</p> <p>37—2.^a parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>, 1.^o vol.</p> <p>38—2.^a parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>, 2.^o vol.</p> <p>39—3.^a parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>, 1.^o vol.</p> <p>40—3.^a parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>, 2.^o vol.</p> <p>41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.</p> <p>42—O RAIO VERDE, 1 vol.</p> <p>KERABAN, O CABEÇUDO:</p> <p>43—1.^a parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>, 1 vol.</p> <p>44—2.^a parte—<i>O regresso</i>, 1 vol.</p> <p>45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.</p> <p>46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.</p> <p>MATIAS SANDORFF:</p> <p>47—1.^a parte—<i>O pombó correio</i>, 1 vol.</p> <p>48—2.^a parte—<i>Cabo Matifoux</i>, 1 vol.</p> <p>49—3.^a parte—<i>O passado e o presente</i>, 1 vol.</p> <p>50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.</p> <p>51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.</p> <p>52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.</p> <p>NORTE CONTRA SUL:</p> <p>53—1.^a parte—<i>O ódio de Texar</i>, 1 vol.</p> <p>54—2.^a parte—<i>Justiça!</i>, 1 vol.</p> | <p>55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.</p> <p>DOIS ANOS DE FERIAS:</p> <p>56—1.^a parte—<i>A escuna perdida</i>, 1 vol.</p> <p>57—2.^a parte—<i>A colónia infantil</i>, 1 vol.</p> <p>FAMÍLIA SEM NOME:</p> <p>58—1.^a parte—<i>Os filhos do traidor</i>, 1 vol.</p> <p>59—2.^a parte—<i>O padre Joan</i>, 1 vol.</p> <p>60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.</p> <p>CÉSAR CASCABEL:</p> <p>61—1.^a parte—<i>A despedida do novo continente</i>, 1 vol.</p> <p>62—2.^a parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>, 1 vol.</p> <p>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</p> <p>63—1.^a parte—<i>A procura dos naufragos</i>, 1 vol.</p> <p>64—2.^a parte—<i>Deus dispõe</i>, 1 vol.</p> <p>65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.</p> <p>66—EM FRENTE DA BANDEIRA</p> <p>A ILHA DE HÉLICE:</p> <p>67—1.^a parte—<i>A cidade dos biliões</i>, 1 vol.</p> <p>68—2.^a parte—<i>Distúrbios no Pacifico</i>, 1 vol.</p> <p>69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.</p> <p>A ESFINGE DOS GELOS:</p> <p>70—1.^a parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>, 1 vol.</p> <p>71—2.^a parte—<i>Lutas de marinheiro</i>, 1 vol.</p> <p>72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.</p> <p>O SOBERBO ORENOCO:</p> <p>73—1.^a parte—<i>O filho do coronel</i>, 1 vol.</p> <p>74—2.^a parte—<i>O coronel de Kernor</i>, 1 vol.</p> <p>75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.</p> <p>76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.^o vol.</p> <p>77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.^o vol.</p> <p>78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.</p> <p>79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.</p> |
|---|--|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



Contra

todas as dores

não há remédio de acção tão rápida como os comprimidos de

CAFIASPIRINA

Os seus efeitos são também insuperáveis nas nevralgias, dores de dentes e de ouvidos, nas enxaquecas, assim como também nos incomodos periodicos das Senhoras.

Alivia o cerebro, aumenta o bem estar e não ataca o coração nem os rins.



À venda em todas as farmacias.



ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

de que é autor o ilustre professor e pintor

J. Ribeiro Cristino da Silva

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras encadernado em percalina, 30\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75
LISBOA

Editor: Francisco Amaro — Assinaturas: Rua Diário de Notícias, 78, Telef. 2 3132 — Publicidade: Rua Anchieta, 25, Telef. 2 0535 — Composição e impressão: Rua da Alegria, 30, Telef. 2 0537 — Propriedade e edição: Livraria Bertrand, L.^{da} e Empresa Nacional de Publicidade — Lisboa.

Vichy

“Antes prevenir ou curar que sofrer”

VICHY — reconhecidamente o melhor tratamento para todas as doenças do fígado e estômago e sofrimentos semelhantes

Época: ABRIL-OUTUBRO

Numerosos hotéis de todas as categorias
— Casinos — Teatro
— Corridas de cavalos — Golf — Tennis — Polo

Por vários médicos e em todos os grandes hotéis é julgado o português

INFORMAÇÕES:
SYNDICAT D'INITIATIVE DE VICHY

Novidade Sensacional

Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado de madeira com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cinco de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma bonita ondulação para sempre.

Exclusivo de venda:
ACADEMIA SCIENTIFICA D E B E L E Z A M. dos CAMPOS
Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

PEIGNE ONDULATEUR - VIENNA

Preço Esc. 15\$00

CERESIT

(LEGITIMO W. B. W. ALEMANHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.
GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositarios em Lisboa: S. RAMOS LDA. — Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

O melhor livro para as férias

A NAU CATRINETA

por ARMANDO FERREIRA

TITULO DOS QUADROS:

PROLOGO: 3 horas da tarde

No reino da Historia

Areias de Portugal

As ilhas encantadas

As feiticeiras do Fogo

Sou pretinho da Guiné

Vêr e crêr como S. Tomé

Furum fum fum que vou p'ra Angola

Os jardins do senhor Lourenço

No reino das Pedrarias

Chum-Chim-Cháu

Do outro lado da Terra

Uma hora depois



A volta ao mundo Português

Ilustrações de Alfredo Moraes

A' venda na Filial do "Diario de Noticias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

e em todas as Livrarias

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume

DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

O PRETINHO DE ANGOLA

por CESAR DE FRIAS

com ilustrações de Ilberino dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espirito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»

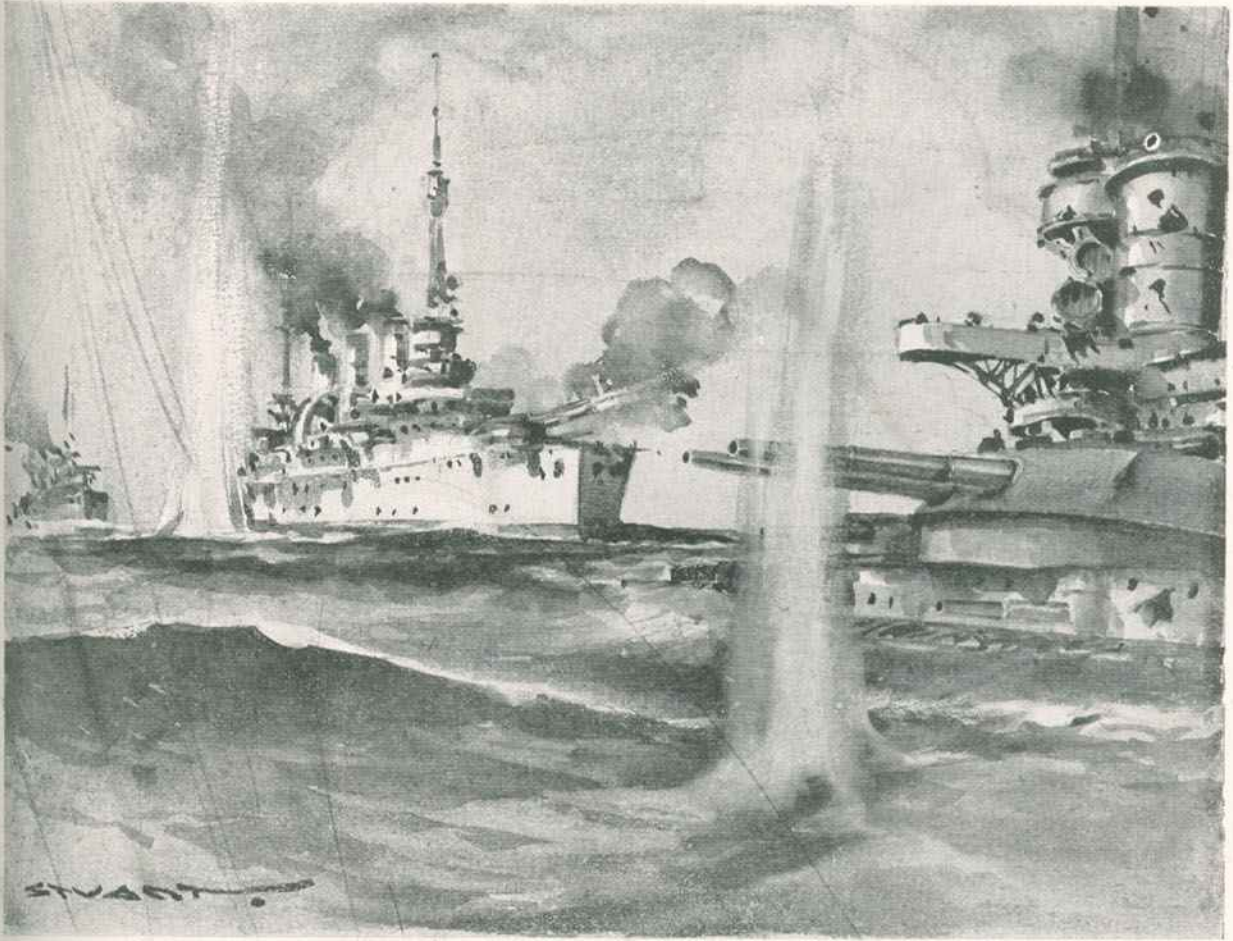
«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctíssima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia frágica da esquadra
alemã e a sua destruição** ———

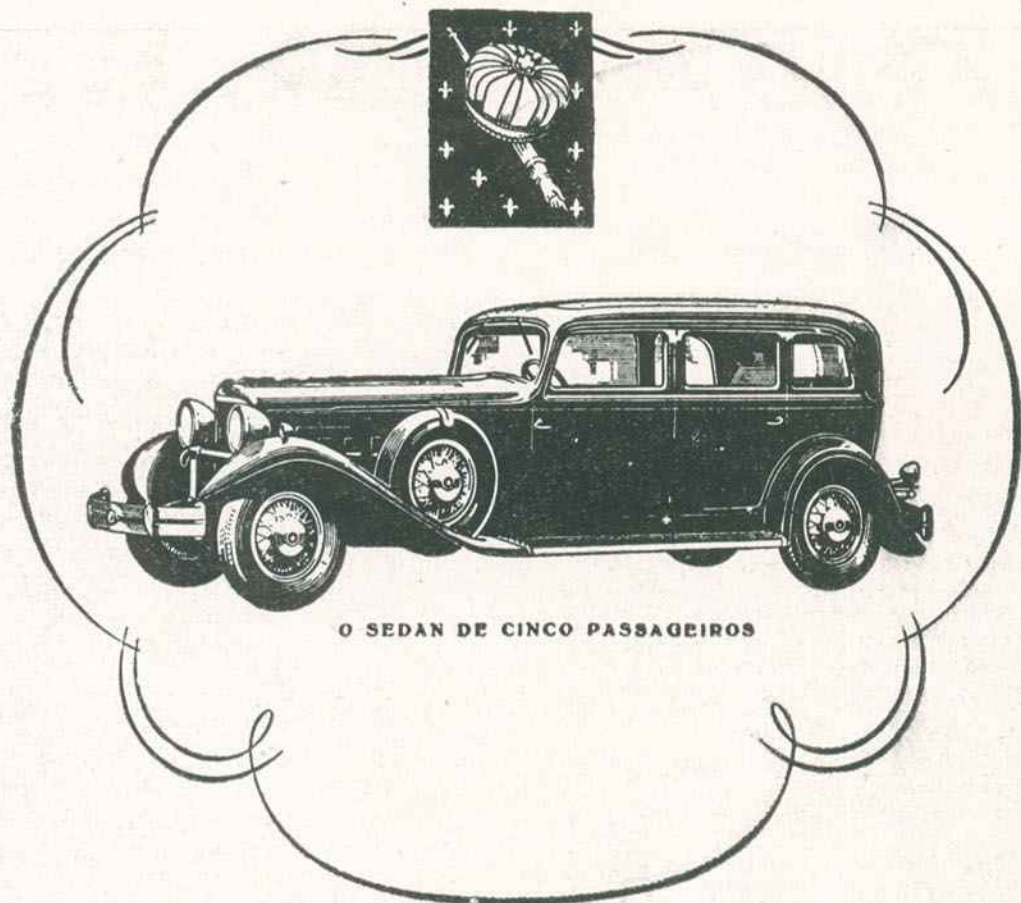
**A obra máxima sobre
a guerra europeia** ———

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

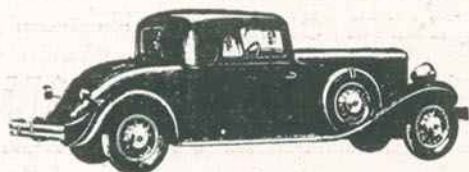


O SEDAN DE CINCO PASSAGEIROS

Reo-Royal

DE OITO CILINDROS

Continua a tradição da marca REO Pela sua beleza original e pelo seu cunho de distinção inconfundível destaca-se entre todos os automoveis.



Modelo coupé para dois passageiros com spider. Sistema de lubrificação instantanea por pressão. Viseiras interiores contra o sol, ajustaveis. Quatro ventiladores no coupe-vent.

AGENTES GERAES

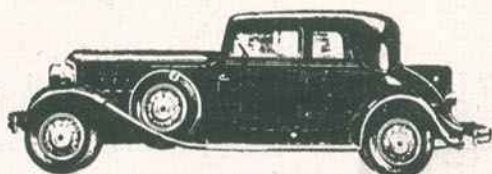
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

Avenida da Liberdade, 165-171

LISBOA

::

Telf. N-679b e N-789



Modelo Victoria para cinco passageiros. Transmissão REO, com duas velocidades silenciosas. Interior de luxo, com assentos muito comodos sobre molas Marshall.

AGENTES NO NORTE

ANTONIO MARQUES DA FONSECA

191, Rua Augusto Rosa · · PORTO

ILUSTRAÇÃO

REDACÇÃO
Rua Anchieta, 31, 1.º
Telef.: 2 6535

grande revista portuguesa
DIRECTOR-ANTONIO FERRO

ADM'N'STRACAO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: 2 3132



A ACTRIZ ADELINA ÁBRANCHES, EXTRAORDINÁRIA INTÉRPRETE DE TIPOS POPULARES PORTUGUESES, NUMA CENA DE «MARIA DO MAR».
NA CAPA — «UMA RUA DE ALFAMA», POR BERNARDO MARQUES



L I S B O A

Só comecei a amar Lisboa, quando me encontrei, certo dia, sozinho e cheio de tendências para o sonho, muito longe de Portugal, numa paisagem de neve para além do Mar do Norte.

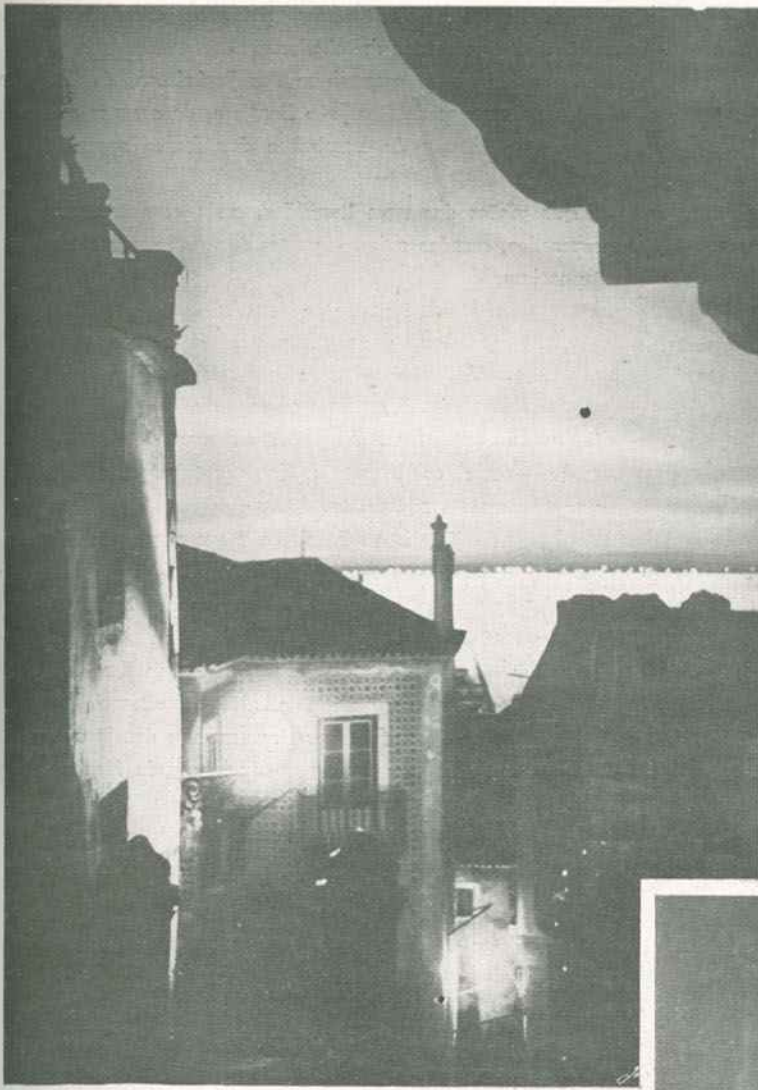
Até êsse momento, confesso, a minha admiração por Lisboa, tinha-a aprendido nos olhos dos outros. Amava-a de ouvido.

De vez em quando, por exemplo, subia no elevador da Glória e, em S. Pedro de Alcântara, perto dos bustos com duas caras, junto do Camões com quatro olhos, contemplava o panorama clássico da cidade enquadrada em azul. E nunca me esquecia, então, de recordar o conselheiro Acácio e as suas frases patrióticas, criadas



naquele ambiente, — embora estranhasse que lhe não tivessem erguido, mesmo ao lado de Ulisses, uma estátua justa, com duas testas enormes.

Outras vezes, a comer amendoim, atravessava o Tejo para me enternecer com a vista do forte de Cacilhas. E, lá do alto, cumprimentava com respeito a Torre de Belem. Era do programa. Depois, passava horas pacientemente a tentar descobrir, no meio da casaria amontoada, os outros monumentos nunca esquecidos pela retórica: os Jerónimos, a Basílica da Estrela, as ruínas do Carmo... E dizia, como toda a gente: «Oh! o claustro dos Jerónimos parece mesmo feito de renda!» «Oh! o Terreiro do Paço é a mais bela praça da Europa!»



«Oh! a estátua de D. José foi fundida duma só vez, num único molde!»

Em resumo: o meu amor por Lisboa era todo convencional! Apreciava, como não podia deixar de ser, os seus monumentos, inscritos nos guias de turismo, e chamava-lhe, por literatura, cidade mineral, — plagiando conscientemente certo poema em prosa de Baudelaire.

No fundo, sentia por ela um ligeiro desprêso, que é a maneira de amar dos

EM CIMA E À DIREITA: DOIS ASPECTOS NOCTURNOS DE ALFAMA. À ESQUERDA: A COMPRA DA SARDINHA NA RIBEIRA — (Fotos João Martins)



indiferentes. Pisava as suas pedras com desdém. Atravessava-a, a correr, para entrar no Martinho onde, juntamente com vários camaradas rebeldes, escrevíamos aqueles versos, sem azas e sem verdade, que hão de imortalizar a minha geração insincera...

Mas, uma dia, parti. Atravessei os mares. Cheguei a uma cidade do Norte da Europa onde a neve prolongava os telhados até ao chão. Vivi num país em que a natureza atirava branco para as paisagens, em tentativas cubistas.

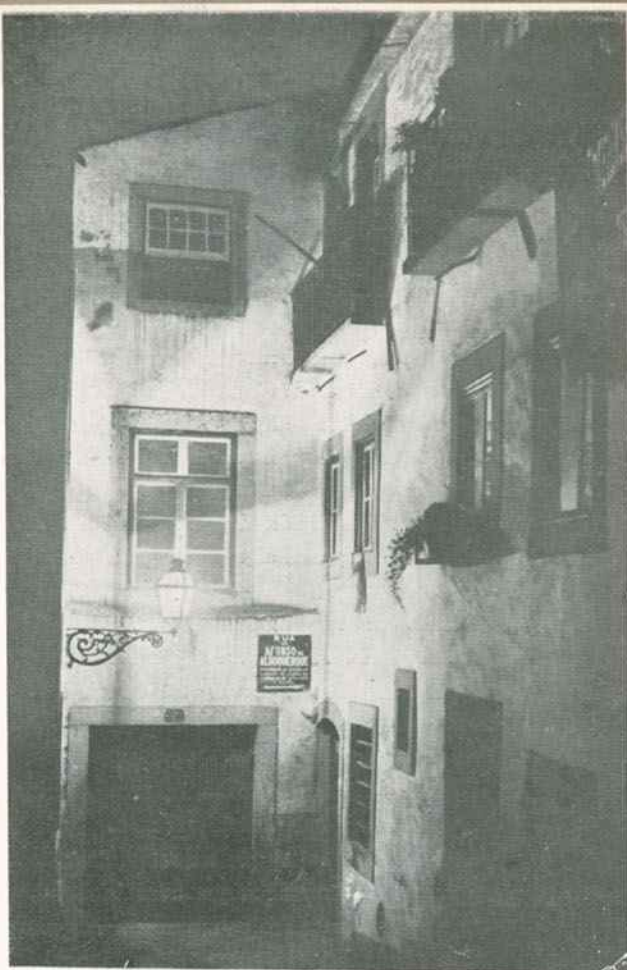
Encontrei-me sôzinho. E, como não tinha mais nada que fazer, desatei a sofrer para passar o tempo.

Resultado: tornei-me absolutamente português. Agarrei-me à palavra saúde com desespero. A lembrança da descoberta da Índia envideceu-me. Senti uma nostalgia física do sol a bater nas pedras claras...

E, novo Ulisses de sonho, comecei a criar, dentro de mim, uma Lisboa diferente.

Durante anos fui dando sentido e intenção a certas imagens humildes que trazia nos olhos, sem saber: as paredes com cartazes rasgados, aquela varina que encontrava, tôdas as manhãs, no caminho para casa, um maluco de fraque





que atirava pontapés às pedras, gritando: «Sou o senhor do mundo! Até as pedras me obedecem!»

A pouco e pouco esqueci-me dos Jerónimos, da Torre de Belém, do tesouro de São João Baptista, da ameaça do monumento ao Marquês de Pombal e das frases aprendidas de cór.

Só as visões das ruas humildes, onde se encontram arcos inesperados, escadas subitas, vultos de prédios irregulares, me enterneciam.

Durante anos, no silêncio estrangeiro do meu quarto, criei, lentamente, quâsi sem dar por isso, a *minha Lisboa*, uma cidade única no mundo, onde a luz se confundia com as pedras e as escadarias iam visualmente de encontro ao céu; cidade velha, sem hotéis que tirem a respiração, nem palácios de cimento armado, — onde os bairros antigos eram os únicos bairros desvairadamente modernistas.

Desdobrava um mapa e, silencioso e doído, percorria as ruas d'esses bairros pobres. Seguia ao longo dum muro altíssimo, parava em frente dum palácio em ruínas, surpreendia a vida dum pátio, com uma árvore ao centro, cheia de balões pelo Santo António, e, por fim, assaltava-me um desejo enorme de escorregar por aquela escada íngreme cheia de ervas e de gatos...

Nunca Lisboa foi tão linda como, dentro de mim, nesses quatro anos de ausência.



DE CIMA PARA BAIXO: A RUA AFONSO DE ALBUQUERQUE EM ALFAMA — UM GATO LISBOIA — (Fotos João Martins) — VISTA DE LISBOA — (Foto Haroldo de Nova)

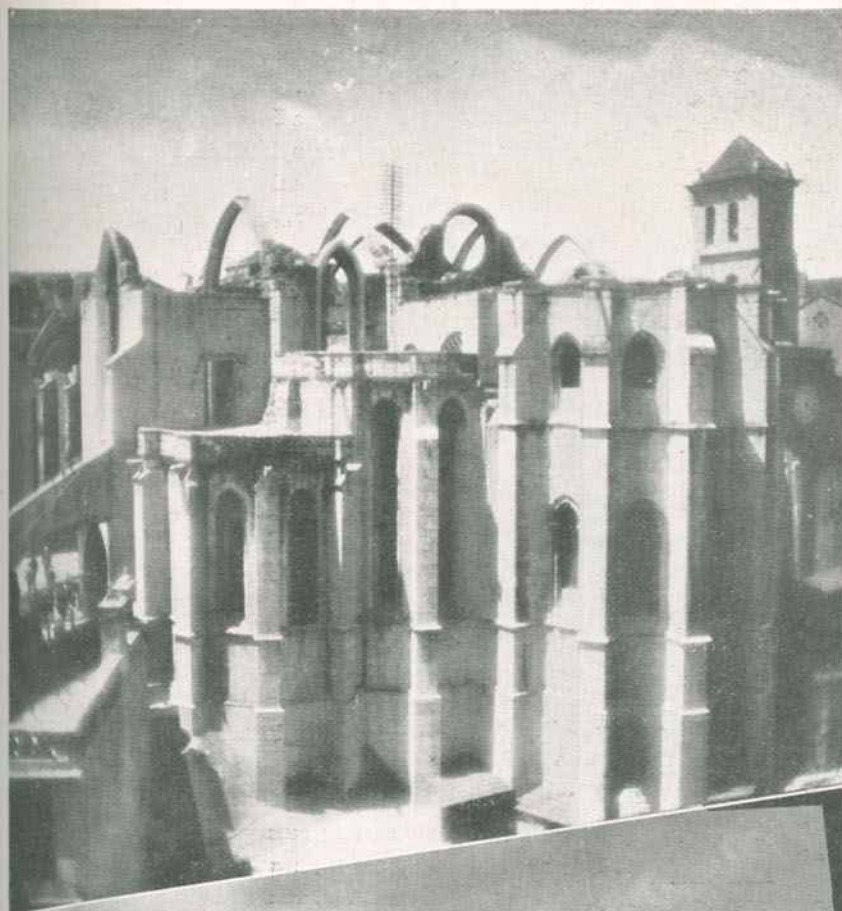
A Avenida da Liberdade, que a distância tornava maior, para além do Parque Eduardo VII, via-a sempre coberta de olaias em flor, no verão, no inverno, no outono... Quando parava, em sonhos, no alto de Santa Catarina, a olhar a barra, — o azul do céu e o sol emprestavam, aos telhados, uma luz só comparável talvez à realidade dessa luz.

Às vezes, passava as tardes a contemplar certa janela, onde havia um canário e um gato mole. Depois subia às trapeiras e para ali ficava horas na contemplação dos telhados, jardins suspensos cheios de marias-fias e musgos verdes, a cismar em viagens surpreendentes naquele país de telhas, chaminés e paredes salitrosas, donde caíam fios de água para regar as flores amarelas.

Quando a penumbra escurecia tudo como um morcego, perdia-me na Alfama. Batia pancadas misteriosas às portas das tabernas, antros de gente suspeita a sofrer em comum à roda duma guitarra. Entrava, sem medo, nunca me esquecendo da saudação necessária: «boa noite, aí!» E oferecia vinho.

Sobre o chão, coberto de pontas de cigarros, caía uma mancha de luz de petróleo filtrada por papel pardo...

Uma voz perpetava o fado. Saía. Mesmo em frente, naquele nicho dum santo quinhentista, consumia-se o azeite dum *ex-voto*. O luar, depois, vinha completar, com fantasias de sombras, a arquitectura do bairro. Aquela viela desembocava numa praça inclinada, pentagonal, com um candieiro sombrio ao centro. O luar era tão forte que alucinava a



AO ALTO: AS RUÍNAS DO CARMO, À HORA DO ENTARDECER — (Foto *Humberto de Noronha*)
 — AO CENTRO: MANHÃZINHA EM LISBOA: VARINAS À ESPERA DE PEIXE — AO LADO:
 D'ELAS AINDA SÓ ACORDOU ESTE RAPAZ QUE PASSOU A NOITE NUM DÓGMAL DUMA ESCADA — (Foto
João Martins)



UMA RUA DE ALFAMA, DE MANHÃ — (Foto Hordel de Nodals). — AS VARINAS, NO BARRIO DA ESPERANÇA, GOSTAM DE TRABALHAR AO AR LIVRE — (Foto João Martins)

cidade, voltava-a do avêso, confundia tudo: as tôrres das igrejas, as escadas de pedra, os arcos, as varandas com nespereiras em caixotes, os azulejos, as paredes nuas, as janelas, as casas tortas, a cair...

Assim aprendi a amar a Lisboa que eu amo; a cidade impar, cheia de gente humilde, de viadutos, de ralhos, de pregões, de mães a gritar pelos filhos, que às vezes rolam ao sol inteiramente nus;

cenário complicado para vultos de varinas, com canastras cheias de sardinhas de prata...

É essa a Lisboa que eu visito, de vez em quando, lentamente, como se andasse dentro de mim, a contemplar uma cidade imaginária, construída com uma lógica de sonho...

Perspectiva de casas bêbedas de azul, aos encontrões aos muros; praças calmas com chafarizes para matar a sede a bôcas pobres; palácios cheios de operários a olhar, sem orgulho, para os braços inúteis; cercas de conventos onde crescem hortaliças resignadas; ruelas com gatos a namorar as gatinhas das varandas; pátios, vilas, casebres, pardiéis, bécos sem saída...

*

Bem sei: existe outra Lisboa, onde eu vivo normalmente: o Rossio, o Chiado, a Rua do Ouro, o Parque Mayer...

As avenidas novas, direitas, lavadas, com os seus prémios Valmor, também pertencem a Lisboa. O parque Eduardo VII, com os seus riachos artificiais e as suas cascatas, também... O alpendre do elevador da Glória, também.

Mas essa é a Lisboa onde eu vivo; bem diferente daquela que vive dentro de mim.

JOSÉ GOMES FERREIRA.



Os portugueses nos jogos olímpicos de 1932

1932 será um ano olímpico.

Los Angeles, a cidade californiana que as vizinhanças do empório cinematográfico tornaram célebre no mundo, receberá os melhores atletas do universo, numa competição famosa.

Capricham tôdas as nações, da Europa ao Japão, da América do Sul ao continente australiano, em apresentar valores que marquem, para que nas asas da glória que acompanha os vencedores, se leve conjuntamente o nome duma nacionalidade, num símbolo de vigor.

A ausência num torneio semelhante é sintoma de morbida indiferença, de escassa vitalidade, de decadentismo ráico. Portugal deve às suas tradições de nação aventureira, forte, audaz, uma resposta de presença ao apêlo dêsse grande congresso internacional do músculo; não com ambiciosas aspirações de vitória, mas como simbólica manifestação de existência activa.

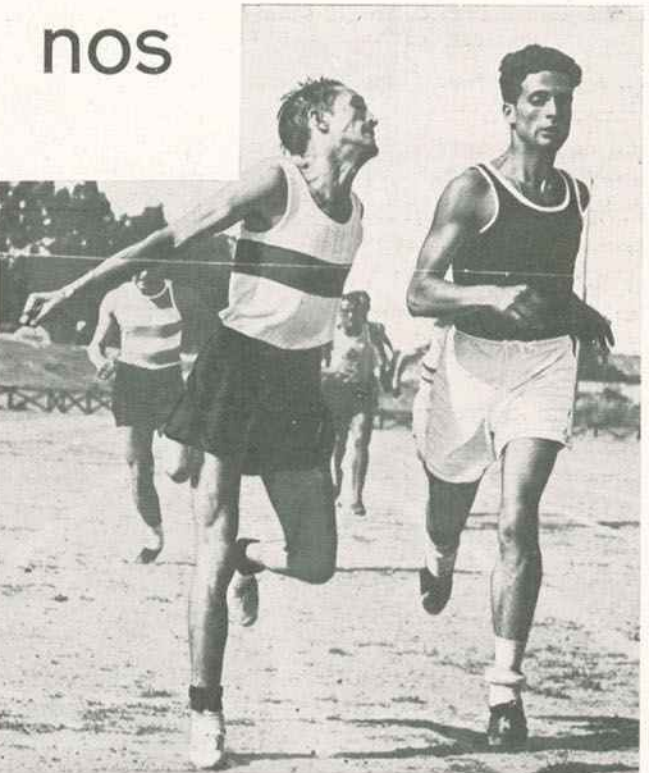
É indispensável que o Governô do país considere a representação olímpica como um problema nacional, patrocinando-a e prestando-lhe o auxílio material a que tem direito como precioso elemento de eficaz propaganda da nacionalidade.

Recordemos Amsterdam! Pena foi que tão escasso número de portugueses tenha presenciado a competição de *foot-ball* e o papel nele desempenhado pela *equipe* lusitana. Em rasgos de entusiasmo, em lutas heroicas de sacrifício, o bravo punhado de jogadores portugueses assombrou uma assistência cosmopolita de técnicos, captando simpatias, conquistando um respeito que, posteriormente, por certo se terá reflectido em campos diferentes no nome de Portugal.

Quatro anos são volvidos e nova jornada se nos proporciona; afastado agora o *foot-ball* do programa olímpico, necessário se torna que busquemos noutras modalidades terreno onde desfile com brio a representação portuguesa.

São resumidas as nossas possibilidades; a esgrima em que te-

mos um glorioso passado a defender, o hipismo e o tiro, resumem o âmbito dos desportos em que poderemos marcar uma posição de destaque. Qualquer destas variantes, porém, está longe de possuir a vasta popularidade divulgadora do *foot-ball* e os resultados de seus torneios pouco excedem o círculo restrito dos iniciados e a massa desportiva de maior cultura, eclética por educação.



DOMINGOS PINTO E TRINDADE, VENCEDORES DA CORRIDA DE 300 METROS (JUNIORES), CILEGANDO A META



PARTIDA PARA A FINAL DOS 50 METROS (JUNIORES)

É pois indispensável ligar o nome da representação portuguesa à manifestação mais popular do certame olímpico, embora saibamos antecipadamente que nos espera o cheque; o problema consiste, para os dirigentes interessados, em tornar esse cheque o mais honroso possível, levando os futuros internacionais ao máximo da forma e ao óptimo da condição física.

O desporto, para o qual devemos volver a nossa atenção, será, sem dúvida, o atletismo, pois é aquêlle que maiores louros concede aos seus vencedores cujos nomes perduram ainda nas páginas doiradas do livro da glória, quando de há muito se apagaram já os daquêles que noutras variantes afirmaram igual superioridade.

O atletismo português, apesar do muito que tem trabalhado, está longe de possuir um valor internacional que nos consinta a esperança de um êxito, mesmo relativo, em competição de tal monta.

Fazer desporto não é, porém, sinónimo de vencer e, mesmo batidos, os nossos atletas podem manter-se num nível honroso, porque vencedor será um só e muitos irão a Los Angeles com probabilidades iguais às suas. O que mais interessa, julgo eu, é escolher aquêles que da distinção sejam dignos, prepará-los convenientemente e educá-los desportivamente de forma que cõlham do que vierem, o máximo de ensinamentos proveitosos para o futuro aperfeiçoamento técnico do atletismo em Portugal.

Pôsto isto, vejamos que indicações nos pode fornecer a época que finda, relativamente a valores aproveitáveis para 1932. O momento é oportuno porque, a pretendermos

realizar obra útil, não é possível protelar o início da preparação intensiva a que terão de ser sujeitos os candidatos olímpicos. Os meses que agora seguem, de inação atlética, têm que ser aproveitados para cultura física dos homens, alguns dos quais dela necessitam inadiavelmente, ou para aperfeiçoamento técnico de outros cujos defeitos só poderão ser corrigidos por um trabalho especial fora da época de prática do atletismo.

Não é muito abundante o material utilizável; as figuras dominantes das pistas portuguesas estão, infelizmente, na sua maioria muito distantes da cotação internacional e, ou são astros declinantes, ou fulgores que despontam e cujo brilho apenas se destaca porque em volta reina a penumbra.

António Sarsfield Rodrigues, campeão nacional de velocidade, é o melhor trunfo de que dispomos para a cartada de Los Angeles. Creditado esta época por duas vezes do tempo de 10 s. 4/5 nos 100 metros, é o primeiro e único atleta que consegue desde já alcançar o limite estabelecido para a selecção olímpica. Corrigido de pequenos defeitos técnicos, ginnastizado durante o inverno para aumentar de peso, dar-nos-á para o ano a garantia de uma regularidade de resultados que o podem levar, com um pouco de sorte, até às meias finais do campeonato mundial. Consegui-lo seria já um triunfo.

Ainda na mesma especialidade encontramos um outro corredor que foi a revelação da época: José Carvalhosa, que no Pôrto-Lisboa percorreu os 100 metros nos mesmos 10 s. 4/5, batiço na meta por Sarsfield pela distância mínima. Ainda inexperiente, cheio de defeitos, Carvalhosa possui uma energia formidável e uma velocidade natural que abonam a sua classe. A prova em que, porém, melhores resultados deve alcançar, é no salto em comprimento. A incó-



UMA FASE DA CORRIDA DE ESTAFETAS (X 100)

gnita do problema está em saber-se se conseguirá no escasso prazo de alguns meses adquirir a técnica que desconhece em absoluto. Se assim for, transporá seguramente o cabo dos 7 metros e poderemos olhá-lo como uma segunda possibilidade olímpica.

Apresenta-se-nos em seguida o caso Manuel Dias; há um ano Dias era considerado por todos, o primeiro valor do atletismo por-

tuguês, há um mês era tido já como um valor em crise, e neste momento muitos o consideram, depois de batido por Diamantino França, como um valor declinante. Conservo as recordman português da língua toda a minha confiança, certo de que a sua derrota na Figueira foi um incidente e não um sintoma. Se conseguirmos facilitar-lhe de futuro condições de vida mais favoráveis, uma higiene alimentar conveniente e uma educação física cuidada, poderemos enviá-lo confiadamente a Los Angeles na certeza de que honrará o nome português.

O seu rival conimbricense ganhou já a uma atenção especial, mas não creio que passe com êxito as provas de selecção. Neste capítulo, ou Manuel Dias ou ninguém.

Afora deste pequeno núcleo de corredores apenas vejo possibilidades ao lançador Herculano Mendes, nas provas de disco e martelo. Mendes está longe ainda, a uns três ou quatro metros, do mínimo exigível, mas a impressão que colhi do seu estado actual coloca-o num período de transição em que os progressos podem ser rápidos, surpreendentes, de um momento para outro. No recente concurso da Figueira duas vezes o disco lhe saiu da mão em condições de atingir distâncias record, prejudicado pela escassez de altura da trajectória. Que o disco suba uma vez à altura conveniente e Herculano alcançará os 43 metros.

Além destes nomes, talvez que um outro, o de Palhares Costa, possa accorer à lembrança de alguns. Não creio que o nosso cestista das barreiras consiga aquilo que há quatro anos o levou a Amsterdam. De cá para cá não progrediu um quinto de segundo, enquanto a melhoria da média internacional nos força a uma maior exigência nas provas de escola.

De tudo o que dissemos atrás ficamos o suficiente para assegurar a presença de atletas portugueses no torneio olímpico de atletismo; não poderemos enviar vencedores, repita, mas contamos com elementos equivalentes à média dos valores em presença.

É quanto deve bastar às nossas modestas ambições, que não podem visar mais além do que uma demonstração de trabalho e actividade, de vida.



OS CONCORRENTES À CORRIDA DA MILHA, REALIZADA NO ESTÁDIO

O gabinete do director do Banco de ***. A vaga penumbra doirada de todos os interiores opulentos. Paredes forradas de seda verde. Armários holandeses. Maples.

Sobre uma mesa, uma faiança de Delft, com rosas. O BANQUEIRO, cinqüenta anos, esbelto, grisalho, tipo de homem-à-femmes, maneiras distintas, elegância sôbria. Um groom anuncia, e entra MARIA DE LOURDES, nora do BANQUEIRO, vinte e cinco anos, olhos negros, expressão inquieta, corpo flexível de cow-girl, vestido cinzento de footing, sapatos ingleses.—Onze horas da manhã.

O BANQUEIRO, levantando-se.—Bravo! Tão cedo, já na rua?

LOURDES.—Preciso falar-lhe, papá.

O BANQUEIRO.—Tem graça. Foi o Jorge que me anunciou a sua visita, e afinal és tu que me apareces.

LOURDES.—Ele disse que vinha cá?

O BANQUEIRO.—Telefonou-me há, talvez, dez minutos. Estranhei-lhe a voz. Pareceu-me perturbado.—Vocês zangaram-se?

LOURDES.—Se ele vem, vou-me eu embora.

O BANQUEIRO.—Porquê?

LOURDES.—Não quero que o Jorge me encontre aqui.

O BANQUEIRO.—Mas tu não disseste que precisavas de me falar?

LOURDES.—Preciso.

O BANQUEIRO.—Nesse caso, eu previsto o groom. Teu marido não entrará enquanto tu aqui estiveres.—Vieste no teu automóvel?

LOURDES.—Não. Vim num carro qualquer.

O BANQUEIRO.—Está bem. (Ao groom, que assoma à porta) Não recebo ninguém, seja quem for. Se vier meu filho, que me espere no gabinete do sr. Parker. (Estendendo as mãos a LOURDES, quando o groom sai) Vamos a saber. Que foi que se passou? Que tempestade foi essa? Tu estás pálida. Tens os olhos cheios de lágrimas...

LOURDES, deixando-se cair, a chorar, num dos maples.—Eu sou muito desgraçada, papá!

O BANQUEIRO, sentando-se tranqüilamente junto dela.—Bem sei. Tôdas as mulheres se sentem profundamente desgraçadas quando teem uma pequena contrariedade.—Então que foi, minha filha?

LOURDES.—O papá foi sempre tão meu amigo, que eu enchi-me de coragem e vim falar-lhe.

O BANQUEIRO.—Muito bem. Tu és encantadora. Mas o que eu não quero é que tu chores. Estragas os teus lindos olhos, que estavam tão bem pintados. Eu nunca gostei de ver chorar uma mulher, sabes? Foi por isso que elas fizeram sem-

pre de mim tudo quanto quizeram.—Vamos. Sossega. Então que foi isso?

LOURDES.—Nem eu sei como lhe hei de dizer...

O BANQUEIRO.—Um desgosto muito grande, não é verdade? Um baile, a que o Jorge não quer que tu vás. Uma joia bonita que ele não te deu. Adivinhei?

LOURDES.—O Jorge e eu vamos separar-nos, papá.

O BANQUEIRO.—O quê?

LOURDES.—Infelizmente, é verdade.

O BANQUEIRO.—Tu estás doída. Então, vocês casaram-se há dois meses e já querem separar-se?

LOURDES.—Há dois anos, papá.

O BANQUEIRO.—Dois anos são dois meses quando se gosta de um homem. E, quando se gosta duma mulher, são dois dias. Então que foi que o Jorge te fez? Alguma loucura de rapaz? Sempre notei que tu recebias mulheres demais em tua casa. Lembras-te do livro de Marcelle Tinayre? As inimigas íntimas são o diabo. O Jorge parece-se imenso comigo, e tu bem sabes que eu nunca tive juizo nenhum. Mas é preciso perdoar, minha filha. As mulheres só não perdoam quando não amam. E tu gostas d'ele, não é assim?

LOURDES.—Eu não tenho nenhuma razão de queixa do Jorge.

O BANQUEIRO.—É admirável. Então, porque queres tu separar-te d'ele?

LOURDES.—É ele que quer separar-se de mim.

O BANQUEIRO.—

O Jorge?

LOURDES.—Safu de casa, como louco. Disse que ia procurar um advogado e requerer o divórcio.

O BANQUEIRO.—Mas porquê? E tu logo vi que ele estava perturbadíssimo quando me falou ao telefone. O que foi que tu lhe fizeste?

LOURDES.—Nada.

O BANQUEIRO.—Não. Alguma coisa havia de ter sido. Ele é um rapaz calmo, prudente, gosta de ti, e não tomava uma resolução dessa ordem sem um motivo grave.

LOURDES.—Se gostasse de mim, ouvia-me com serenidade. Se gostasse de mim, não dizia as grosserias que me disse...

O BANQUEIRO.—Mas eu não compreendo. Há dois dias, quando lá jantei, vocês estavam em plena lua de mel.

LOURDES.—Só hoje, de manhã, é que ele se zangou comigo.

O BANQUEIRO.—Porquê?

LOURDES.—Por coisa nenhuma. Por causa duma luva que encontrou no meu quarto de vestir.

O BANQUEIRO.—Uma luva? Mas tu deves ter mais de uma, minha filha.

LOURDES.—Era uma luva de homem.

O BANQUEIRO.—O Jorge não usa luvas?

LOURDES.—Parece que não é d'ele.

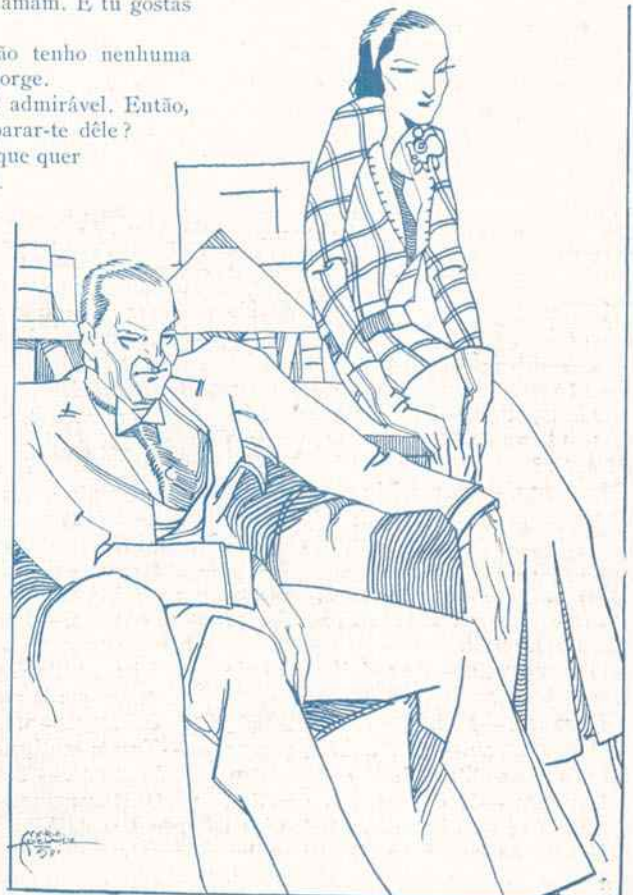
O BANQUEIRO.—E tu sabes de quem é?

LOURDES, depois de um momento de hesitação.—Não tenho a certeza.

O BANQUEIRO.—É curioso. A luva onde estava?

LOURDES.—Em cima do sofá do meu quarto.

O BANQUEIRO.—Sim, realmente, se teu marido encontrou sobre o sofá do teu quarto uma luva de homem, que não é d'ele e que tu não sabes de quem é, parece-me legítima a sua inquietação. Mas, enfim, é uma luva só. Ainda era pior se fôsem duas.



LOURDES. — A outra ainda eu consegui escondê-la. Trago-a aqui, na minha bolsa. O Jorge só viu uma.

O BANQUEIRO. — Escondeste-a?

LOURDES. — Não tive tempo para esconder as duas.

O BANQUEIRO. — Nesse caso, minha filha, há alguma coisa que tu ocultas de teu marido. Se procuraste esconder as luvas, é porque sabes de quem elas são.

LOURDES, baixando os olhos. — Sei.

O BANQUEIRO. — Então, quem é esse homem, que entra no teu quarto a ocultar de teu marido?

LOURDES. — Mas eu juro-lhe, papá... Juro-lhe, pela vida do meu filhinho, que não cometi nenhum acto menos digno. Eu não tenho nada de que a minha consciência me acuse. Eu estou inocente, papá!

O BANQUEIRO. — Tenho a certeza disso, minha filha. Mas tu cometeste, pelo menos, uma imprudência. Para eu poder intervir junto do Jorge, preciso de saber o que se passou. — Esteve alguém em tua casa sem teu marido saber. Quem foi?

LOURDES. — Foi a Fanny. O papá conhece a Fanny. Aquela rapariga loira, que fuma muito, e que o papá diz que tem os braços bonitos.

O BANQUEIRO. — Sim, os braços são bonitos. Mas ela usa agora luvas de homem?

LOURDES. — A Fanny teve um pequeno romance com o Joê Avelar, nosso parceiro de golf, que parte hoje ou amanhã para a América...

O BANQUEIRO. — Parte amanhã, pela manhã. Esteve agora aqui, para lhe passarmos uma carta de crédito.

LOURDES. — Já o papá vê que não lhe minto. A Fanny não podia despedir-se do Joê doutra maneira, e pediu-me que os convidasse, a ele e a ela, para tomar uma chufara de chá em minha casa...

O BANQUEIRO. — E tu convidaste-os?

LOURDES. — Convidei.

O BANQUEIRO. — Sem o teu marido saber?

LOURDES. — Se eu lhe tivesse dito, ele não consentia.

O BANQUEIRO. — Mas porque razão foram as luvas do Joê parar ao teu quarto de vestir?

LOURDES. — Porque foi no meu quarto de vestir que se serviu o chá.

O BANQUEIRO. — E porque não o mandaste servir noutra sala?

LOURDES. — Porque não quis que os criados soubessem. Eu só tenho confiança na *chambermaid*.

O BANQUEIRO. — E tu já disseste tudo isso ao Jorge?

LOURDES. — Não.

O BANQUEIRO. — Fizeste bem, porque ele não te acreditava.

LOURDES. — E o papá não acredita, também? Mas eu juro-lhe... Já lhe jurei pela vida do meu filho. O que eu lhe digo é a verdade. Eu não vinha aqui

mentir-lhe... E o Jorge, que me conhece tão bem, que sabe quanto eu gosto d'ele, tinha o dever de confiar em mim...

O BANQUEIRO. — Ouve, minha filha. Se encontrasses uma luva de mulher no quarto de teu marido, e ele te dissesse



que uma das suas parceiras de golf tinha estado a tomar chá com ele, o que farias tu?

LOURDES. — Não sei... Não sei... Foi talvez uma imprudência minha. O papá tem razão. Eu não pensei bem... Vou contar tudo ao Jorge... Vou pedir-lhe que me perdoe...

O BANQUEIRO. — Tu tens, realmente, confiança em miss Kate?

LOURDES. — Tenho.

O BANQUEIRO. — Ela não dirá a teu marido que tu recebeste Joê Avelar?

LOURDES. — Não diz.

O BANQUEIRO. — Nesse caso, tu não lho dizes também. Não lho dizes, porque tu proíbo eu, entendes? Para todos os efeitos, tu não sabes de quem é a luva que apareceu no teu quarto.

LOURDES. — Mas, papá...

O BANQUEIRO. — Eu creio que tu me falaste verdade. Mas o Jorge, ainda que quisesse acreditar-te, duvidaria sempre de ti. Era, dentro de pouco tempo, a morte da tua felicidade e do teu lar. Ora, eu não quero que fiques no espírito do meu filho uma dúvida que o faria sofrer inutilmente. Basta que fiques no meu. Portanto, — silêncio. Felizmente, eu sei que Joê Avelar parte e não volta.

LOURDES. — Mas, se não houver uma explicação entre nós, é que o nosso lar está irremediavelmente perdido. O Jorge disse-me que ia requerer o divórcio...

O BANQUEIRO. — Eu o tranquilizarei. — Trazes contigo a outra luva?

LOURDES. — Trago.

O BANQUEIRO. — Deixa ver. (LOURDES tira da bolsa uma luva de homem, e entrega-lha) O teu parceiro de golf usa excelentes luvas inglesas. A mão que

as calça é que me parece que não pode estender-se a um homem de bem.

LOURDES, inquieta. — Mas que vai fazer o papá?

O BANQUEIRO, ao groom, que aparece à porta. — É o meu filho?

GROOM. — Está no gabinete do senhor Parker.

O BANQUEIRO. — Logo que saia esta senhora, manda-o entrar. (A LOURDES, quando o groom sai) O Jorge não foi ao advogado, com certeza. Não tinha tempo.

LOURDES, num estremecimento. — Meu Deus!

O BANQUEIRO. — Vai sossegada. Tens lá em baixo o carro, não é verdade?

LOURDES, estendendo-lhe as mãos. — Eu confio em si, papá...

O BANQUEIRO, olhando-a, fixamente. E eu, poderei também confiar em ti? (LOURDES desvia o olhar) Tenho cinquenta anos, e cada vez conheço menos as mulheres.

LOURDES. — O papá bem sabe quanto eu sou amiga do Jorge...

O BANQUEIRO. — Está bem. (Atirando a luva para sobre a mesa) Dá um beijo ao meu neto, e arranja uma boa *charlotte-russe*. Eu vou lá jantar hoje. — E nem uma palavra a teu marido, ouviste?

LOURDES, beijando-lhe as mãos. — Papá, como eu lhe agradeço!

(Pouco depois de LOURDES sair, entra JORGE. Vinte e sete anos. Vestido de escuro. Tipo vulgar, expressão vulgar, palidez doentia).

JORGE. — Bom dia, meu pai.

O BANQUEIRO, num sorriso tranqüilo. — Já sei o que tu cá vens fazer.

JORGE. — Já sabe?

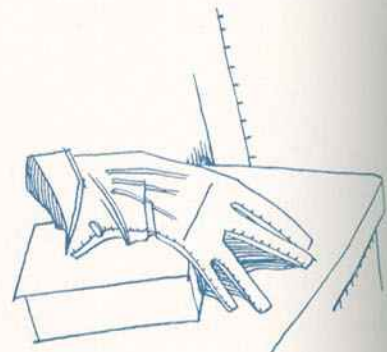
O BANQUEIRO. — Vens trazer-me a luva que eu deixei em tua casa.

JORGE. — Quê? Pois a luva era sua?

O BANQUEIRO. — De quem querias tu que fosse? Umhas belas luvas de pele de gamo, que eu comprei em Londres. Olha, ali está a outra... (JORGE cai-lhe nos braços, a soluçar) Jorge! Então, que é isso? Porque choras tu?

JORGE, rindo e chorando ao mesmo tempo, enquanto se ouve, na rua, a buzina do automóvel que parte. — Não faça caso... É de alegria, meu pai!

JÚLIO DANTAS.



DERROTADO Napoleão em Waterloo, quanto restava das amaneiradas modas do século XVIII foi varrido, nas cidades, pela severa e monótona indumentária britânica. A paixão pelo trajos de variadas e vivas cores sucedeu-se a dos tecidos pardacentos ou de coloridos atenuados. Pois essa grande mancha cinzenta, crescentemente alastrante, foi a causa remota da extinção dos mil e um geitos de vestir que dividiam a humanidade em zonas de côr e gosto perfeitamente definidas. Supomos, mesmo, que esta uniformidade de indumento representa, no decorrer dos tempos, a única modalidade igualitária, em verdade triunfante.

Neste naufrágio do pitoresco e da policromia, houve, nalguns países, pontos de excepção. Portugal, com a Espanha, é, talvez, do que mais conserva. Rotina. Passividade. Certo é, porém, que nem todos os tipos tradicionais desapareceram. Não é preciso que o leitor penteie cabelos brancos para que recorde, da Lisboa de há vinte anos, curiosas maneiras locais de vestir já em desuso. Hoje, sensivelmente empobrecidos, limitamo-nos, na capital, à *varina* airosa, de tamanquinhas saltitantes, calcarradora pertinaz de calçadas íngremes e ruelas estreitas que o sol só beija no alto dos seus prédios. Ainda perto de nós, no Ribatejo, nas vastas herdades em que o gado bravo retoíça, correm, soldados às suas montadas como cossacos do Don, os campinos que brandem longas e finas varas, cingem o corpo num traje esbelto e fazem flutuar, junto aos rostos morenos, a dobra dos aguçados barretes de borla, feitos de panos de garridas cores. Lá para o Norte, no Minho já, ainda aparecem, nas feiras e desfo-



lhadas, aqueles trajos femininos que, de tão curiosamente belos, o estrangeiro conhece como sendo os de todo o Portugal. E bem lindos eles são na orquestração das suas inúmeras cores, na intenção sensual com que os seus corpetes desenhavam os seios fartos das minhotas.

Dêste espólio de trajos tradicionais que o progresso velozmente cerceia, algo conservamos, ainda, na Beira litoral e na bacia do Mondego. São as *tricanas*, cujos ternos amores amenizam a dureza dos estudos sérios de Coimbra, e cuja indumentária, ligeira e alegre, faz esquecer a severidade do traje dos estudantes, dos poucos que na Europa se conservam, no seu recorte medieval e na sua côr autuosa. Nas charneças do Alentejo subsiste o camponês de cafões e pelicos. Nas abruptas serranias de Trás-os-Montes, em terras de Barroso, continuam a usar-se as solenes *capas de honra* de todos

os séculos. Leiria defende, quanto possível, o seu pitoresco traje regional; o Pôrto, o das suas *vareiras*; nos campos da Maia, há o das gentes do campo. E, no debruar de todo o litoral, particularmente na Nazaré, encontramos os pescadores, classe refratária a modas e garridices, vestidos quasi do mesmo modo que os seus ascendentes do ciclo das Descobertas.

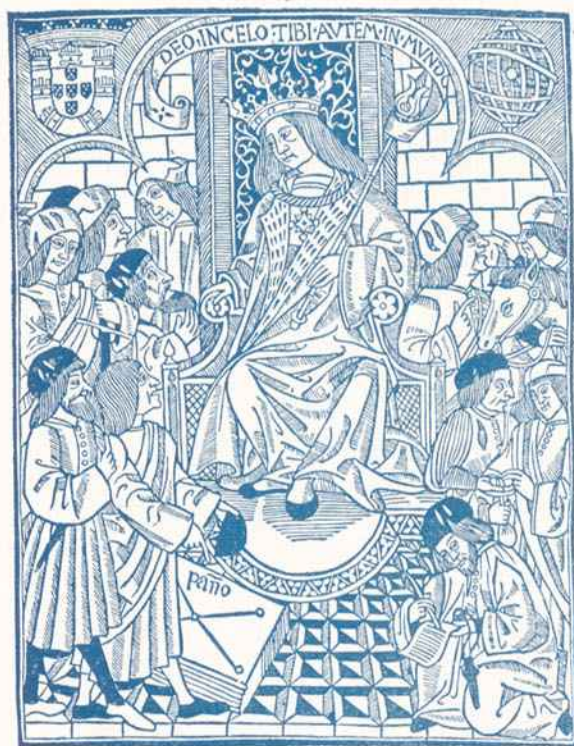
Territórios afastados das grandes zonas urbanas, as gentes que neles assistem permanecem insensíveis às fantasias indumentárias propagadas por Paris. Mas o caixeiro viajante, heraldo dos monotonos tecidos de padrões universais, é que não respeita a poesia de tais sobrevivências. Em nome das conveniências fabris, êle trata de violentar e extirpar costumes que obrigam à produção de panos de um género e cores que, pelo limitado e modesto dos respectivos mercados, representam um magro negócio.

Sômos um povo triste. Gememos e choramos, não só nas quadras melancólicas do fado mas, e esta é a verdade completa, em tôda a nossa vastíssima lírica e em tôda a nossa literatura popular, do que é documento dolorido a *História trágico-marítima*. Talvez por isso mesmo, obedecendo a uma lei de contraste, preferimos sempre — excepção feita de alguns pontos do Algarve e das Beiras — os alegres trajos em que as cores gritantes se confundem e mesclam em inumeráveis retalhos relacionados caprichosamente. É êste um íntimo ponto de contacto com outra raça desafortunada e triste, senhora da resignação e da dôr — os slavos. Como êles, gostamos da orgia dos coloridos, e vence-nos a mesma fatal tristeza.

EL LAZARILLO DE LISBOA.



ANTONIO FERRO CONTA PORMENORES INEDITOS DA SUA ENTREVISTA COM D. MANUEL DE BRAGANÇA



GRAVURA DE EL-REI D. MANUEL DO LIVRO IV DAS «ORDENAÇÕES D'EL-REI D. MANUEL» (DO VOLUME «LIVROS ANTIGOS PORTUGUESES», DO SR. D. MANUEL DE BRAGANÇA)

A entrevista, para mim, não é uma conversa regulamentada, sorna, entre um senhor importante e um senhor tímido, entre o mestre severo e o mestre cábula. A entrevista — e por isso a coloco altivamente dentro da literatura — é uma novela curta, a dramatização dum episódio, o estudo psicológico duma personagem. Não me interessam as palavras, as declarações, os discursos e prefiro sempre os entrevistados que falam pouco aos entrevistados que falam muito. Interessam-me, sim, os gestos, as atitudes, tudo o que não é ensaiado e transparece à flor da pele. A minha preocupação quando estou diante dum senhor *às* ou duma senhora *asa* é pôr, antes de mais nada, a figura no primeiro plano, ao nível de todos os mortais, para ver o que dá, para ver se resiste... Todo o meu esforço consiste em humanizar a figura, em pronunciar o seu nome como é seria pronunciado, antes da maré alta, em reduzir o sr. José Francisco ao sr. José Francisco mesmo, o

me serve: um olhar, um gesto, uma gravata, um móvel, uma pessoa de família que passa, um retrato, um livro... Quando parece, às vezes, que não estou a dizer nada já estou a dizer tudo e, por vezes, o que vale menos, o que menos interessa, para o conhecimento das figuras, são as declarações dos entrevistados... É claro que alguns resistem à prova, a êste sistemático «vai-te despir» e êsses são os que têm personalidade e merecem uma legenda... Mussolini, depois duma hora de conversa, continuou a ser Mussolini e não consegui que êle fôsse Benito... O mesmo com Clemenceau, que não quis ser Jorge, e com o sr. D. Manuel que não pude nunca chamar, mentalmente, sr. Manuel...

Darei, pouco a pouco, nas páginas da *Ilustração*, algumas recordações inéditas da minha carreira de *reporter* internacional. Mas deixo tudo, agora, a voz metálica de Poincaré, a bonomia de Millerand, a arrogância de Hitler, certas aventuras,

sr. Millerand ao sr. Alexandre Millerand, advogado em Paris, o sr. Hitler ao sr. Adolfo Hitler, do Café Heck, Mussolini ao sr. Benito, o ex-rei de Portugal ao sr. D. Manuel de Bragança, grande artista e requintado bibliófilo. Para isso, para essa difícil operação, tudo

certas alterações ao programa por motivos imprevistos, para entrar nas *actualidades gráficas*, para lhe contar alguns pormenores inéditos da minha reportagem de Londres. A entrevista com o sr. D. Manuel de Bragança foi a página mais viva dessa reportagem, e quero afirmar, desde já, que o último rei de Portugal é uma das figuras mais interessantes da minha galeria de maiúsculas, um admirável conversador e um português de espírito.

Disse tudo o que pensava e sentia sobre essa figura de bom português, que vive, como um marinheiro saudável da sua terra, do sol da sua terra, no navio enclachado de Fulwell Park... Mas a conversa entre mim, jornalista republicano, e o sr. D. Manuel de Bragança, ex-rei de Portugal, não está completa... Hesitei perante certas considerações puramente literárias que me fêz o sr. D. Manuel com êste escrúpulo infantil: «Vão supôr que fui eu que inventei isto para efeitos cenográficos, decorativos, para compôr, para arranjar...» Um outro escrúpulo me deteve: «se fui apenas um jornalista diante do sr. D. Manuel, se não desejei favorecê-lo nas suas aspirações, no seu sonho compreensível e humano, também não desejei prejudicá-lo, diminuí-lo... E eu conheço a má vontade de certos portugueses contra os políticos de espírito literário, tão freqüentes na França, na Inglaterra, na Alemanha... Difícil a um português pronunciar a palavra *poeta*

sem ironia, ironia clara ou disfarçada: «Ah! Bem sei... É um poeta...» E, imediatamente, o desgraçado que recebe esta ficha, fica arrumado, classificado, posto de parte, como um senhor inútil, incómodo, que passa a vida a sonhar e a olhar para as estrelas... Ideia falsa, ideia que está agravando cada vez mais, o tenebroso materialismo da nossa época... Só a poesia, uma poesia activa, dinâmica, forte, com rasgos de prosa, pode salvar o mundo... Pois o sr. D. Manuel de Bragança é um poeta, um autêntico poeta da História. Oigam, por exemplo, a sua opinião completa, versão integral, sobre a discutida figura de D. João II:

—D. João II, diz-me o sr. D. Manuel, no seu português compassado e tímido, um rei de Portugal que muito admiro, é uma figura que está errada, uma figura que os portugueses deturparam nesse sentimento doentio, profundamente dramático, que os arrasta, por vezes, às grandes catástrofes, aos atentados pessoais, às revoluções sangrentas. Admira-se em D. João II o que há nêle de bárbaro, de inferior, de medieval, de humano, de tristemente humano. D. João II não gosaria a popularidade que tem em Portugal, se não tivesse mandado assassinar o duque de Bragança e se não tivesse assassinado o duque de Viseu... Esquece-se o rei português, o rei administrador, o rei que preparou a nossa epopeia marítima, um dos nossos maiores reis, e admira-se e exalta-se o rei trágico, o rei *guignol*...

Outra passagem da entrevista que ficou no tinteiro e que lhes conto agora, nesta simples conversa, pedindo-lhes que não me façam arrepender da inconfidência, dando interpretações duvidosas e injustas a uma subtilidade e a um traço de inteligência do sr. D. Manuel...



PRIMEIRA PÁGINA DO FORAL DADO POR EL-REI D. MANUEL I A LANTOSQUO EM 1514 (DOS «LIVROS ANTIGOS PORTUGUESES», DE D. MANUEL DE BRAGANÇA)

—O senhor, que é republicano— diz-me o eminente português— é que podia, talvez, dar-me uma informação... Porque dão os republicanos tantos vivas à República?

Respondo vagamente abespinhado:

—São os vivas naturais do regime...

—Mas no meu tempo, responde o sr. D. Manuel, não se davam vivas à monarquia... Não me lembro de ter ouvido nenhum...

Replico, sempre na minha posição:

—Não se davam vivas à monarquia, mas davam-se vivas ao rei...

É logo o sr. D. Manuel, com vivacidade:

—Mas eu compreendo que se dêem vivas, muitos vivas, ao sr. Presidente da República, que é o Chefe do Estado e cuja vida, como a vida de todos os humanos, está dependente de mil circunstâncias... Mas ao regime? Quer se trate de monarquia ou república, êsses constantes

vivas têm assim um ar de boletins de saúde, que julgo inúteis e perigosos...

Nem tudo saiu ainda do tinteiro. Há outros pormenores que não escrevi nem contei, mas êsses, provas de confiança que me quis dar o sr. D. Manuel, ficarão para sempre no fundo do pôço e lá morrerão... Não resisto, porém, a contar-lhes um pensamento *gaffeur* que me torturou durante a conversa com o sr. D. Manuel. Eu tinha contado, para montar a entrevista, para montar a peça, com dois personagens principais: o sr. D. Manuel e a ilustre e nobilíssima senhora D. Augusta Vitória. Quando percebi que não havia nada feito e que eu falaria apenas com o sr. D. Manuel, tive um trabalhão para meter para dentro esta pergunta incorrecta, burguesa, grosseira, teimosa:

—Então porque não me apresenta agora à senhora D. Augusta Vitória?... É só o que me falta...

Mas lá contive em respeito, com grande dificuldade, a temível *gaffe* e tive de me contentar com um admirável retrato de Laslo, que sonha, de sol a sol, sobre o piano horizontal, diante de Fulwell Park, um parque cheio de fôlhas mortas e de esperanças mortas...

ANTÓNIO FERRO.





A ARTE POPULAR PORTUGUESA

COMECEI a colecionar esculturas populares desde aquele dia em que certo amigo meu, estrangeiro culto e inteligente, me convidou a visitar o seu quarto de hotel:

—Quere vêr as recordações que levo de Portugal? Então, venha comigo.

Segui-o curioso, cheio de hipóteses. Lembrei-me, vagamente, das loiças das Caldas, das rendas de Peniche, dos albuns cheios de fotografias da Batalha, da reprodução em gesso da Torre de Belém,—sei lá!—de tudo...

Mas quando me inclinei, sófrego, para vêr bem o conteúdo da mala, sorri.

Afinal de contas, as únicas coisas que o colecionador encontrara dignas de levar do nosso país, eram êsses bonecos de barro grosseiros, com cores violentas, vendidos nas feiras, junto das pipas de vinho: mamarrachos com assobios agudos, pastoras com trajos de bailados russos, menestreis a tocar bandolins azues, porcos caricaturais, inchados, com listas amarelas...

—Olhe para êstes bois— mostrou-me o colecionador, quâsi a caír no entusiasmo.—Repare bem: são simplesmente geniais. As pernas cresceram, os corpos mingüaram... Representam, talvez, uma nova versão da fábula de La Fontaine. Parece que estão a fazer esforços para se tornarem rãs...

E, durante muito tempo, o meu amigo falou do povo português, do povo-povo, com ternura e um excesso que desmanchavam um pouco a sua inevitável frieza saxónica. Em sua opinião (que me pareceu tocada de exagêro, embora me envaidecesse) o povo dos campos, o poeta das quadras, o ourives das filigranas, o músico das canções populares, o dansarino do vira, o esculptor decorativo dos bonecos das romarias, era superior a quâsi todos os outros povos da Europa. Apenas lhe faltava, duma maneira quâsi total, a tendência para o conforto, resultante infalível da amenidade do clima.

E depois dêste elogio, dito com uma grande convicção, falou-me com o mais definitivo desdém, do resto, isto é: dos bachareis...

E, depois dêste elogio, dito com uma grande convicção, falou-me com maravilhas decorativas, em que ninguém repara, mas que valem mais de que tôdas as estátuas e estatuetas que alguns senhores burgueses guardam, com amor, em salas onde ninguém entra, para não se estragarem as almofadas.

Pelo Santo António, pelo São João, pelo São Pedro, não falto, uma única noite, à Praça da Figueira. Enquanto o bom povinho ri, dança e canta à roda dos coretos, perto dos manjericos, eu vasculho os cestos das vendeiras, à procura de novos modelos, de novas concepções de bois, de músicos a tocar pratos, de animais, que Noé se esqueceu de trazer na sua Arca, de santos e santas tão ingénuas, que parecem modeladas por mãos de pastores.

Em fins de Agosto, quando o sol queima os romeiros do Senhor da



UM QUADRO POPULAR VENDIDO NAS ROMARIAS DA NAZARÉ

Serra, e as raparigas dão as mãos em bailaricos saloios, ao som de harmóniuns, — eu lá ando perdido, com o meu ar sonâmbulo e turista, em busca de objectos de arte, cavalos guiados por *jockeys* amarelos, burros com óculos, charlots em atitudes campinas, lavadeiras com trouxas de trapos de côr, cadeiras esguias onde se assentam figuras minúsculas...

E quando saio de Lisboa para encher os olhos de imágens, nunca me esqueço de parar na Nazaré e nos largos das feiras, em busca de quadros ingénuos onde pinceis rudes pintaram a imagem da Senhora dos Remédios e a palavra *Lembrança*, cheia de florinhas...

Em tôda a parte se me deparam temas para o meu orgulho: ex-votos, *alminhas*, azulejos, isto é, coisas que não posso infelizmente levar para casa.

Paciência: contento-me com os bonecos que levo para o meu quarto, com cuidados extremos, como se fôsem porcelanas dignas de vitrine. E nos dias de tédio, quando o ambiente é apenas tristeza e pessimismo, vou, devagarinho, contemplar os mamarrachos alegres do meu museu, feitos por dedos irónicos, para ter a certeza de que os portugueses não são apenas os freqüentadores implumes do Chiado.

Olho para essas figuras de barro, recordo certas quadras a roçar pelo génio, trauteio algumas melodias campestres e chego à conclusão de que a verdadeira alma dos portugueses é irónica, alegre, ingénuo, rude, romântica,



— bem diferente da meia dúzia, complicada e neurasténica, dos portugueses das cidades.

E respiro fundo. Alegro-me. Ésqueço-me do pessimismo e do tédio. Durante êsses momentos, em que admiro a minha galeria de barros humildes, não me lembro do fado e doutras maravilhas fatais da nossa idade. Olho para o sol, sem remorsos. Leio, a sorrir, os livros em que os estrangeiros tentam amesquinhar-nos,



UMA MARAVILHA DAS ARTES DECORATIVAS POPULARES: UM PORCO ESTILIZADO



ALGUNS EXEMPLARES DE BONECOS ESTILIZADOS, MODELADOS PELAS MÃOS IRÔNICAS E INGÊNUAS DO POVO

com cabotinismos fáceis e pensamentos frustrados... Ah! nenhum deles — a não ser, talvez, o meu amigo britânico, que levava na mala os cacós pintalgados pelo povo — atravessa a fronteira, conhecendo-nos inteiramente. A maioria não passa de Lisboa. Olha-nos das janelas do Avenida Palace. Vai ao Chiado. Entra no Maxim's. Contempla o elevador de Santa Justa. Compra um bilhete para visitar a estufa fria. Ouve os fados que os gramofones públicos móem, para emprestar à cidade o indispensável ambiente de tristeza respirável. Perde-se, maravilhado, nas igrejas e nos claustros de Lisboa.

Dedica um adjectivo infalível às varinas (oh! as *varinás!*). Vai a Sintra. Bebe vinho do Pôrto. Olha com desprêso para a roupa a secar nas sacadas. Dá uma exclamação de horror quando encontra um garoto de pé descalço. Protesta enérgicamente, quando não percebe o que lhe diz o «chauffeur»...

E, depois, sem uma hesitação, com uma caneta irónica e um estilo definitivo, escrevem livros de crítica. Atiram-nos para o bairro da Amargura. Declaram que os portugueses andam nas ruas sempre tristes, sonolentos, maçambúzios, como se acompanhassem enterros

invisíveis. Negam-nos tôdas as qualidades. Consideram-nos como o povo da ante-câmara da Europa, — sem pitoresco, sem génio, sem graça, sem nada.

E, no fim, para simularem erudição, referem-se à descoberta da Índia, contando, a propósito, alguns pormenores típicos, muito vulgarizados em Portu-

gal, e que a gente desconhece dum modo quási definitivo...

Ah! se esses senhores críticos ferozes, em vez de se limitarem a analisar o Chiado e os mil portugueses com olhos doentes, atravessassem o túnel e fôsssem, por essa paisagem fóra, descobrir os cinco milhões restantes...

Se desfolhassem as colecções das quadras; se surpreendessem as aguarelas das romarias, onde há mais sol na terra do que no céu. Se procurassem as coisas humildes.

Se ouvissem as canções alentejanas, cantadas por orfeons de instinto. Se saboreassem as canções de Traz-os-Montes, agrestes e suaves, — saudades duma pastora que nunca viu o mar. Se...

E depois de alinhar um cortejo patriótico de *ses*, já mais contente, mais tranquilo, por viver numa terra que não mancha de negro o mapa da Europa, fecho calmamente a gaveta da minha galeria de bonecos, e vou reler, sem paixão, as páginas do sr. Conde de Keyserling, sôbre um país que também, (como o nosso) tem o nome de Portugal.



ÁLVARO GOMES.

PASCIN

A «Viagem a Portugal» será um capítulo decisivo para os críticos e historiadores de arte que, amanhã, depois de terem examinado a obra de Pascin, se inclinarem sobre a sua vida — vida que foi, ao mesmo tempo, a menos secreta, a mais pública e a mais misteriosa de todas as vidas.

A «Viagem a Portugal» foi a última viagem de Pascin, do inspirado Pascin — o título de poeta agradava-lhe mais do que nenhum outro — que, depois duma daquelas temporadas de Paris, que, forçoso é dizê-lo, eram quasi escandalosas, se permitia e se impunha, como recompensa e como remédio, uma larga fuga até aos países novos que a sua imaginação desejava.

Foi pelas alturas da «Viagem a Portugal» que Pascin deixou de me escrever. No ano anterior mandara-me longas cartas de Espanha, mais curiosas, mais pitorescas, talvez,

que as de Théophile Gautier, pois que Pascin, demasiado pintor para versejar, não deixava por isso de pôr em tudo o que escrevia e dizia uma autêntica inspiração. Depois, antes da «carta portuguesa», só recebi um bilhete escrito de Paris, do *Boulevard de Clichy*, na véspera da Festa Nacional de 14 de Julho: — «Querido Salmon, venha admirar as negras e o fogo de artifício.»

Foi certamente para se libertar destas *negras* roliças e das *brancas* menos roliças que lhe invadiam o *atelier*, que Pascin fugiu para Portugal, ávido de repouso, de ar puro e de sensações finalmente calmas.

Uma carta que recebi nessa altura, vinda dos arredores de Lisboa, parecia indicar que, se não conseguira o repouso completo, entrevira, pelo menos, a tranqüilidade a que aspirava.

Pascin voltou de Portugal a coxear, com

uma grande cicatriz na testa, e costumava contar, a rir, que, numa taberna, o tinham roubado duas noites a fio. Contudo, trazia de Lisboa vários albums cheios de croquis duma inspiração calma, pacificada, que poderiam ter sido as chaves da obra serena que muitos esperavam do artista. Seja como for, os croquis de Portugal têm um ingénuo sabor de idílio, um perfume de geórgicas.

Já uma vez Pascin encontrara e exprimira as mesmas sensações no regresso duma viagem a Havana, pouco tempo depois da inexprimível desordem mental em que o lançou a guerra europeia.

Mas não devemos acusar Montmartre, nem Montparnasse, nem as *negras* roliças, nem as *brancas* esbeltas. Pascin levava consigo, para toda a parte, o seu extraordinário e terrível poder de destruição.

Artista de alta cultura, Pascin, que não era nada ingénuo, exprimia-se às vezes duma forma que não teria renegado Vlaminek, inimigo dos muscus e, geralmente, da cultura mais forte do que o instinto.

Pascin costumava dizer que os artistas e os poetas franceses eram demasiado cultos, e que a força dos americanos residia no seu auto-didatismo.

Em Portugal, Pascin, que nunca abordara os temas clássicos, da antiguidade greco-romana ou bíblica, senão para os reduzir a assuntos galantes, parece ter encontrado a forma de exprimir tudo o que o seu temperamento poderia suportar duma Arcádia que nos habituámos a considerar duma forma um pouco rudimentar.



Os bois — (Abontamento de Pascin)

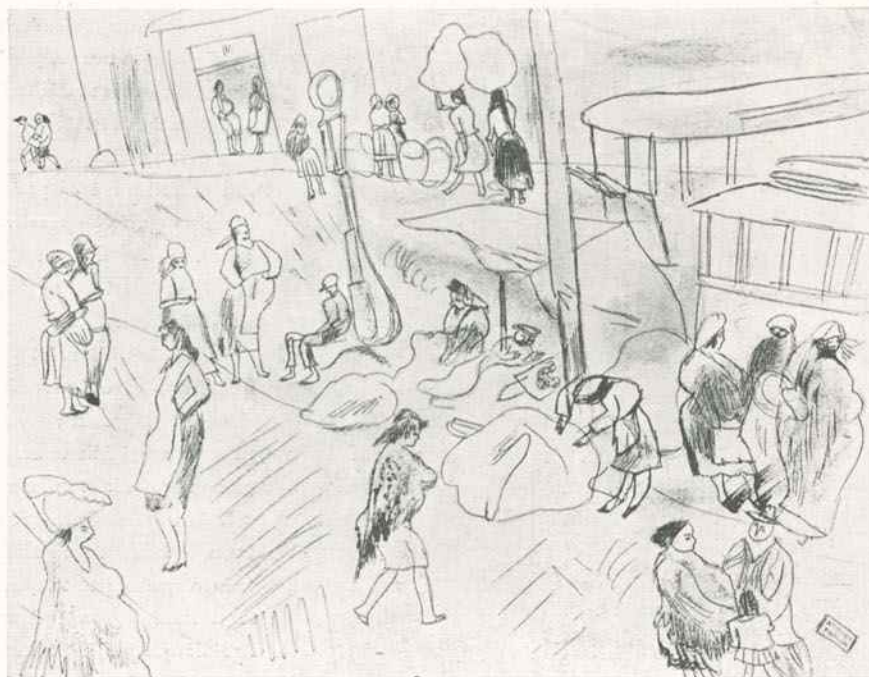
Restituíu-lhe uma profunda humanidade e, em seu favor, pôs de parte essa espécie de satanismo erótico que, aqui e além, pesa ligeiramente sobre a sua obra. Se não consegue ser Vergílio, é, pelo menos, Anacreonte, esquecendo que misturara tôdas as épocas modernas, embriagado como um Casanova do pincel.

Pascin escreveu. «O calor é uma convenção. Em Portugal não há calor.» É preciso fixar esta frase, que se impõe ao nosso espírito ao folhear os seus albums de viajante.

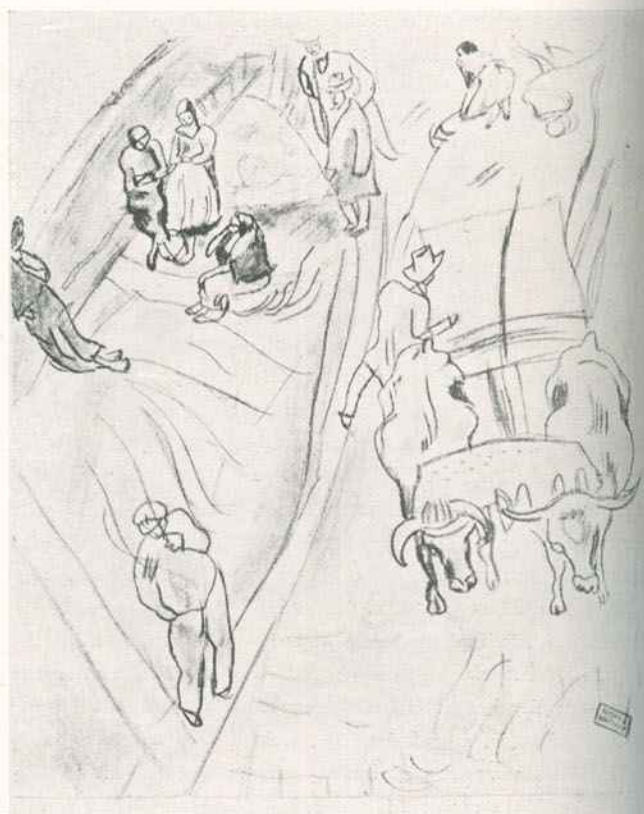
Pascin, o espontâneo Pascin, nunca se pareceu com ninguém, embora às vezes faça pensar nos mestres do século XVIII e lhe tenham podido chamar «um filho de Renoir» — mas, nesta parte da sua obra, sem nos embaraçarmos com semelhanças profundas, somos forçados a comparar os seus croquis aos desenhos de Priesg, feitos em Coimbra em 1910. Eleva-se o mesmo perfume calmo das duas obras que, vistas em pormenor, são profundamente opostas.

Portugal foi para Pascin o banho de serenidade antiga que até então despresara — o seu clacissismo na surpresa encantada do mais puro naturalismo. Portugal teria salvo Pascin se o destino não fôsse sempre o mais forte; Pascin voltou a Paris para se enforcar.

É, porém, quasi certo que Pascin, ao voltar a Paris, não abandonara Portugal, que o encantara, sem uma ideia de regresso. Sei bem que já me fizera confidências parecidas ao chegar de Havana,



UMA RUA DO PÓRTO — (Apontamento de Pascin)



NA RIBEIRA DO PÓRTO — (Apontamento de Pascin)

onde nunca voltou, tendo-a trocado, na sua segunda viagem à America, por uma estada em Miami, onde — todos os artistas me compreenderão — se deixou mais uma vez seduzir pelas mil curiosidades de momento, sem se resignar um só dia à disciplina do *atelier*, que permite o bom acabamento das grandes obras.

O que é certo é que Pascin teria continuado a interessar-se pelos seus cadetes portugueses, embora dêles não tirasse, directa e imediatamente, obras de grande êxito, o que de resto não estava nos processos d'este pintor-poeta. Tê-los-ia antrespirado longamente, aspirado essa frescura, essa serenidade, essa paz que trouxera do claro país da extrema Europa onde o espírito latino se mistura, sem se desvirtuar, ao arabesco islâmico.

Lembro-me dêle, às vezes, nas ruas de Paris, ao deparar com êsses camponeses cômicos de barro, parecidos com os que Pascin pintou de Lisboa ao Pôrto. E não é preciso que se junte à muda solicitação do camponês português, a curiosidade de certa rigninha de Paris, demasiado loira, demasiado pálida, com um vestido demasiado leve, o primeiro modelo de Pascin.

femininista



Historia e Elogio do Journal de Modas

DIFÍCILMENTE os centenários estão na moda.

O ano 1830-1831 marca o momento de ouro do romantismo incarnado em Vitor Hugo. Mas, se a *première* do *Hernani* foi uma revolução no mundo das letras, a aparição do *Gentleman's Magazine*, há justamente dois séculos, em 1731, foi uma revolução no mundo das elegâncias, uma revolução mais discreta, mas de efeitos mais duradouros.

Caso curioso, o *Gentleman's Magazine* que deu origem a toda a literatura do guarda-roupa feminino, foi uma revista exclusivamente dedicada aos homens, que nela podiam encontrar, «como numa loja», os artigos mais diversos.

Em 1750, uma francesa, Marie Leprince de Beaumont, irmã do pintor Leprince, fez aparecer o *Nouveau Magasin Français*, uma revista que se destinava a ensinar, às filhas famílicas da época, o francês, a aritmética e a geografia.

A ideia não era pior do que muitas outras, mas bem depressa as mulheres se cansaram de receber lições, preferindo dá-las por seu turno. Foi assim que nasceu o *Journal des Dames*, escrito «por mulheres para as mulheres».

Iste precursor das revistas femininas era exclusivamente consagrado aos talentos femininos mais ou menos brilhantes que floresciam em França, e não era certamente uma lóhla de couve, pois que, segundo reza a história, uma das suas directoras, M.^{me} de Maisonneuve, foi recebida em audiência particular, para tratar de assuntos da revista, pelo próprio Luís XV.

Uma vez lançada a revista feminina — e lançada com êxito — não tardou a aparecer o primeiro jornal de modas, ou antes, não tardaram a aparecer os primeiros jornais de modas. Com efeito, o *Courrier de la Mode* e o *Journal du Gôût* apareceram quasi simultaneamente.

A aparição destes jornais, duma modalidade especial, foi um acontecimento que Grimm achou dever registar na sua *Correspondence*.

Como, porém, o *Courrier de la Mode* não tinha ilustrações, depressa foi abandonado pelo *Cabinet des Dames*, que ofe-

recia às elegantes, além do texto, em fôlhas soltas, a cores, os primeiros figurinos.

Desde então, até à Revolução, multiplicaram-se vertiginosamente os jornais de modas para só desaparecerem durante o período negro do Terror.

Depois do Thermidor, um professor de filosofia (!!!), La Mésangère, tentou ressuscitá-los, e, com efeito, a sua colecção *Le Costume Français* ficou célebre na história do jornal de modas.

Contudo, apesar do êxito brilhante destas publicações, só durante a Restauração e durante a monarquia de Julho as revistas femininas e os jornais de modas atingiram verdadeira importância. Com efeito, *La Mode* chegou a gosar duma situação verdadeiramente extraordinária. Em 1830 ousou mesmo criticar, nestes termos, a simplicidade da corte de Louis-Philippe: «Os olhares, agora, terão de habituar-se a este novo aspecto que os choca. Verão que a França, depois de ter criticado os excessos duma vã etiqueta, não perdoará nunca ao rei tê-la suprimido.» E, em Agosto do mesmo ano, publica uma longa «Carta dum pobre a favor do luxo», escrita por um hábil economista, carta que seria hoje duma rara oportunidade.

Durou muitos anos o êxito de *La Mode*, que foi por fim eclipsada por um novo astro: *Le Moniteur de la Mode*, o verdadeiro precursor dos figurinos de hoje.

Finalmente, em 1860 apareceu o jornal de modas que devia ser o padrão das actuais revistas femininas. *La Mode Illustrée*, com efeito, já não era exclusivamente o jornal das elegâncias, mas uma revista cuidadosamente feita para as donas de casa, para as mães de família, cheia de indicações úteis, de receitas preciosas e de conselhos providenciais.

Que dizer agora para elogio do jornal de modas? Duas linhas apenas: que foi num destes jornais, *La Mode*, que Balzac encontrou, durante anos, o indispensável «pão de cada dia» e que foi igualmente num jornal feminino, *Le Moniteur de la Mode*, que, sob o pseudónimo romântico de Maximilienne de Syréne, Barbey d'Aurevilly ganhou a vida uns poucos de anos, escrevendo, como êle próprio o dizia, «as mais perfumadas imperitências para uso das mais lindas caras do século».





CASACO DE «WWEED BEIGE». GOLA E PUNHOS DE ANTRAKAN CASTANHO. A MANGA É FÉRIA AO «EMPIÈCEMENT» DO CASACO

O que usam as mulheres:

CHAPELINHOS à 1875, onde começam de novo a poisar, depois de longos anos de ausência, *aigrettes*, colibris, plumas de avestruz e de marabus.

Mais uns meses e — quem sabe? — voltaremos a ver, nas cabeças das nossas elegantes, as horrorosas capotas de fitas das nossas avós.

O centenário do romantismo, depois de ter subido à cabeça dos poetas, acabou por subir aos cabelos das mulheres...

...Luvax, como sempre, umas luvax de tule, como nunca. Depois do chapelinho de plumas, as luvax de tule ou de renda, o regresso às *mitaines*.

Estamos, decididamente, na época das evocações históricas.

...Sapatos de antílope...

Dentro de poucos anos terá passado,

pelos pés das mulheres, toda a fauna das cinco partes do mundo. Se já existem sapatos de crocodilo, de cobra, de lagarto e de antílope, sem falar na velha e desvalorizada vitela, porque não hão de existir, daqui a alguns meses, sapatos de leão, de pantera ou de búfalo?

...Colares, muitos colares, mais colares ainda, mas não de vidro ou de massa, como até agora... Colares de sementes, de *coquillages*, de ouro trabalhado a martelo, colares com que as mulheres da Europa quiseram homenagear as mulheres da África e da Oceania, colares, enfim, à *Exposition Colonial*.

...Flores, nos decotes das blusas, mas não flores naturais, nem artificiais, como ultimamente se faziam, em feltro ou cassa, mas sim aqueles raminhos desbotados de violetas de Parma que se usavam no tempo em que as nossas mães eram meninas de colo.



VESTIDO EM CREPE MAROCAIN PRETO TITANÉO E A BRANCO



VESTIDOS BRANCOS DE MOUSSELINE OU CREPE GEORGETTE SOBRE OS VESTIDOS, BOLEROS DE CÔRES VIVAS EM CREPE CHINA, VEILUDO OU PANO SETIM



RENDAS... RENDAS... «VALENCIENNES», «GUÏPURES», RENDAS DE BRUNELAS, RENDAS QUE SÃO, PARA OS MARIDOS, TRU VERDADEIRA «RENDAS»



LUVAS REPOSTADAS EM CAMURÇA, LUVAS DE TULE, SÓLOS BRANCOS DE ANTÍLOPE DEBUTADOS DE CAMURÇA PRETO

Pombo correio

TENHO aqui a meu lado, atadas com uma fita cõr de rosa, duas dezenas de cartas que não são cartas de amor.

Vem uma do Minho onde até os troncos se vestem da sêda clara das vinhas, vem outra do Algarve que passa todo o inverno a esperar o véu nupcial das flores de amendoeira, vem outra da Beira Baixa, outra duma serrania de Trás-os-Montes, outra da beira-mar, e as outras de aldeias sem história onde vivem raparigas que não se resignam a êste esquecimento da Vida.

Tõdas trazem perguntas e tõdas me recebem resposta: umas, por serem simples como simples murmúrios de fontes; outras por serem complicadas como aquelas flores que, à fôrça de aperfeiçoadas, acabam por não ter perfume; umas por serem modestas; outras por serem pretençiosas; umas, porque sim...; outras, porque não...; e tõdas, tõdas por revelarem, claramente ou não, um desejo, um sonho, uma aspiração. A todas responderei nesta página da revista.

Leitoras da província, aqui estou para receber confidências, responder a tõdas as perguntas e satisfazer tõdas as curiosidades.

FERNANDA DE CASTRO

Pombo Correio

Redacção de *Ilustração*

P. S. — Peço-lhes que não me perguntem como se tiram nódoas de tinta: o remédio é das Caldas.

P. P. S. — Também não sei como se fazem loções para o cabelo.

P. P. P. S. — Greta Garbo tem sardas e John Gilbert, se não me engano, foi cabeleireiro.

P. P. P. P. S. — O melhor remédio para tirar o bispo da sopa... é fazer outra sopa.

P. P. P. P. P. S. — Parece-me que me enganei e que foi Ramon Navarro e não John Gilbert que exerceu a diffieil arte de cabeleireiro.

RESPOSTAS

Qual é a mais linda praia de Portugal? Sem dúvida a Práia da Rocha. A não ser talvez as práias da Bretanha.

Legumes: Todos (menos as ervilhas, as favas e as balalás).

Ovos: Cosidos ou escalfados.
NOTA — Deve beber-se bastante água nas refeições: uma hora antes ou 3 horas depois. Todos os peixes e carnes devem ser temperados apenas com mostarda, suino de Ilhão ou molho inglês. Proibição absoluta de açúcar, manteiga e farináceos.

nha, não sei de outras que em beleza se lhe possam comparar. A Práia da Rocha é a práia das rochas, como a Costa é a práia das dumas, Estoril a práia do sol e Vila do Conde a práia das conchas.

Cada práia tem a sua fisionomia, o seu encanto. A Práia da Rocha tem, nas



suas rochas, templos e precipícios, pirâmides e cabeças de esfinge, perfis humanos e corpos monstruosos. A terra vermelha que as polvilha e que o mar lava todos os dias é a *palme* desta rara arquitectura.

A Práia da Rocha, o pormontório de Sagres e as flores de amendoeira são, para mim, os três milagres do Algarve.



Em que ano nasceu a Moda? Com certeza no mesmo ano em que nasceu o mundo. É mais antiga do que tõdas as deusas da mitologia e mais moderna do que tõdas as *vamps* da nossa era. Não sei em que ano teria nascido mas já Eurípedes, no ano 431 antes de Cristo, contava, numa das suas tragédias, a história já velha duma certa Créuse, princesa de Corinto, que morreu por ter cubicado o vestido feito de ouro e pedrarias da feiticeira Crédée, mulher de Jason, chefe dos Argonautas.



Qual foi a primeira mulher que usou pó de arroz? Com certeza a mulher, a irmã ou a noiva do primeiro homem que o inventou.

A informação é vaga mas, para a compensar, uma pergunta e uma resposta — uma resposta de Coty.

— Porque é que há tantos perfumistas milionários?

— Porque as mulheres, antes de põrem pó de arroz, sacodem as borlas. Duas terças partes da caixa ficam nos móveis.

Esta frase é uma informação e um conselho.

F. DE C.



A mulher de hoje não pode ser gorda como não pode usar carrapitos no alto da cabeça nem sãas travadinhas nem coletes de barbas de baleia. A mulher precisa de ser magra, como precisa de pôr «rouge», de combôr as sobancelhas e de arranjar as unhas. Para isso, há dois processos: o processo pouco penitencioso do desporto em doses maciças (veja a linha, o desembaraço desta alemã (lpo 1932) ou o processo não menos aborrecido, mas bastante mais prático, da regulamentação do regimen alimentar.

Indicamos hoje às nossas leitoras, depois de experiência própria (veja onde pode chegar a nossa dedicação!), um regimen que dá excelentes resultados práticos:

1.º ALMOÇO

Todos os dias: Frutos (exceptuando a banana) e chá sem açúcar.

ALMOÇO — Um prato de carne, um prato de legumes e frutos.

JANTAR — Um prato de peixe, um prato de legumes e frutos.

Pratos de carne recomendáveis: Costeletas grelhadas (vitela e carneiro), galinha, peru, pato ou frango (assados, em frio), caça assada na brasa, carne assada (vitela, carneiro ou vaca, em fio), presunto ou flambê (sem gordura), coelho assado (em frio).

Pratos de peixe: Todos os peixes magros cozidos ou grelhados, crustáceos e mariscos, ostras abertas ao lume, camarões cozidos, lagosta cozida, etc.



Parque

Un portrait du Portugal

Aujourd'hui arrivent à Estoril les membres du 5^{ème} Congrès International de la Critique, écrivains et journalistes, ballet multicolore de quinze nations.

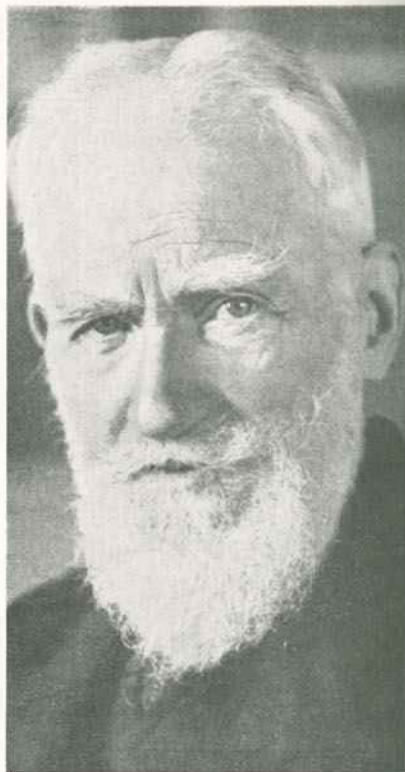
Le Portugal doit se réjouir de cette visite et recevoir, les bras ouverts, ces soixante-dix ambassadeurs de la pensée euro-péo-américaine. On doit les recevoir, non comme des étrangers, mais comme des frères qui parlent une autre langue et vivent sous d'autres latitudes. Ce 5^{ème} Congrès International de la Critique a pour nous une signification spéciale, une importance peut-être décisive.

Le Portugal est un pays inconnu, in-folio précieux, entomine, livre secret, mystérieux et difficile qui ne s'ouvrira que si une critique intelligente se penche sur ses pages, qui ne se révélera que si cette même critique, serine et lucide, en définit les nuances. La critique internationale réunie à Lisbonne a donc un grand rôle à jouer parmi nous: nous étudier, nous «lancer» comme on lance un auteur inconnu dont on lit à peine le manuscrit ou le livre à tirage réduit.

Il y deux nations portugaises: la nation historique, connue et respectée de tous car le Portugal a été la fenêtre qui s'est ouverte sur des mondes nouveaux, et la nation actuelle, vivante, la nation d'aujourd'hui qui veut être aussi la nation de demain. Nous devons prouver à cette critique aigüe et consciente que ces deux nations n'en forment qu'une: la seconde est la reprise de la première, la gloire d'hier dans de nouveaux décors, Shakespeare ou Molière aux mains d'un Dullin ou d'un Gaston Baty.

«Illustrations» se propose dans son numéro d'aujourd'hui, spécialement consacré aux congressistes de la critique, de montrer aux découvreurs des «découvreurs» quelques images du Portugal, le dessin de ses paysages, le croquis de ses costumes, le coloris de son âme nationale, le cœur des quartiers de Lisbonne. Puisse P'«Illustrations» illustrer le souvenir que nos hôtes emporteront du Portugal et notre mission sera accomplie. Ce numéro de P'«Illustrations» est un portrait du Portugal que nous offrons aux membres du 5^{ème} Congrès de la Critique. Espérons qu'il ne sera pas perdu comme tant d'autres, comme celui de cette femme qui traversa notre vie un jour de soleil et ne revint jamais...

ANTÓNIO FERRO.



BERNARD SHAW, O GRANDE DRAMATURGO IRLANDÊS, QUE PROMETEU VIR A LISBOA ASSISTIR AO CONGRESSO INTERNACIONAL DA CRÍTICA

canonissel



SAMUEL DENIS E AMÉLIA REY COLAÇO SÃO OS INTÉRPRETES DA PEÇA DE PIRANDELLO «SONHO (MAS TALVEZ NÃO...)» A REPRESENTAR NO TEATRO NACIONAL NA RÉCITA DE HOMENAGEM AOS CRÍTICOS ESTRANGEIROS. QUAL O «SONHO» E QUAL O «MAS TALVEZ NÃO»? AMÉLIA REY COLAÇO É UM LINDO SONHO MAS NÃO DEIXA DE SER TAMBÉM UMA AGRADÁVEL REALIDADE. SAMUEL DENIS É, INCONTÊSTÁVELMENTE, O MAIS DIÁFANO... DISTRIBUIÇÃO: «SONHO», SAMUEL DENIS... «MAS TALVEZ NÃO...», AMÉLIA REY COLAÇO...

ERICO BRAGA «APRESENTA» AS NOSSAS «VEDETAS» EM «MAILLOT»... ERICO BRAGA «APRESENTA» OS ARTISTAS TAL, TAL E TAL NESTE «FIM DE FESTA» E NAQUELE... UMA PREGUNTA INDISCRETÁ: QUANDO É QUE ERICO BRAGA «REPRESENTA»?.

de atracções

TAPETE ROLANTE

Boatos... O boato é, sem dúvida alguma, o maior inimigo da ordem pública, elemento perturbador que convém combater e exterminar. Mas nem sempre o boato é venenoso, nem sempre é dito com má intenção... Quantas vezes é filho da delicadeza, da necessidade social de dar uma informação a quem a pede, cheia de ansiedade e de interesse... Outras vezes o boateiro, que ocupa uma situação social ou uma situação literária, compreende que se descredita, que descê uns furos, se não se mostra bem informado, se não entra na categoria dos que *bebem do fino*... E então diz qualquer coisa que lhe vem à cabeça, qualquer coisa que não aconteceu, mas que podia ter acontecido segundo o seu raciocínio e as suas tendências... E eis o boato a correr pintadinho de lógica e de verdade...

O último movimento revolucionário, visto no Estoril, foi uma complicada tapeçaria de boatos... As comunicações telefónicas para Lisboa eram difíceis, mas pareciam fáceis porque todos tinham uma novidade a dar, uma informação de *fonte segura*... Pobre do infeliz que se calava, pobre daquele que não deitava uma acha na fogueira dos boatos... Era olhado com desprezo e perdia, momentaneamente, toda a sua situação por maior que ela fosse... Um jornalista conhecido, que teimou em calar-se e em não atear a fogueira, foi atacado, várias vezes, com

esta exclamação de fulminante desprezo e soberba indignação:

—E é você um jornalista...

O Tamariz, pelas cinco horas da tarde do dia 26 de Agosto, foi o quartel general dos boatos na Costa do Sol... Leitão de Barros, António Ferro, Eduardo Malta, Augusto da Costa, trocavam impressões sobre a verosimilhança ou a inverosimilhança dos boatos que iam chegando...

—Vamos a ver se fazemos o puzzle... O Castelo, Guarda Republicana, caçadores 5, ao lado do Governo...

De repente, um boateiro ofegante: —O batalhão de sapadores mineiros acaba de se revoltar contra o Governo...

E logo Leitão de Barros: —Deita fora... Esse não presta... Outro, depressa, para acabar o puzzle...

Comentário de Sebastião Pombal, simpático e elegante desportista, no hall do Estoril Palácio, diante das notícias alarmantes que iam chegando de Lisboa:

—Que lindo dia para se organizar um chá no Casino com lindas mulheres...

Espirito nacional... Há dias, numa livraria de Lisboa, alguém comentava, com gracinhas estafadas, uma reprodução fotográfica do «Camões» de António Soares:

«Ora vejam aquela mão! Não parece aleijadinha? E aquele olho, que nem a gente chega a perceber se é o cego ou o outro?!...»

Um dos ouvintes preparava-se para protestar, enérgicamente, com dois ou três argumentos que provariam ao crítico improvisado a sua total incompetência crítica, quando entrou no estabelecimento uma das actrizes mais estimadas dos palcos lisboetas. Cumprimentou com um sorriso os assistentes e, sentindo a necessidade de ter espirito, custasse o que custasse, saiu-se com esta:

«Olha o Camões, coitado! Que mal teria ele feito a Deus?... Se calhar foi os Lusitadas!...»

Para quê protestar? Ainda vamos aqui, em matéria de gosto pictorial!

Uma noite destas, no terraço do Capitólio, ouvimos três rapazes definir dêste modo o formigueiro ondulatorio que nos deixa nos pés a ascensão do tapete rolante: «Parecem lombrias...» — Nada disso: parecem mas é montanhas russas. — Qual história, concluiu o terceiro: É tal qual dois mares muito pequeninos...

Ainda bem que eram só três!



JORNAL LUMINOSO

Fernanda de Castro concluiu uma peça intitulada «Escola de Maridos, em 3 actos e 7 quadros, que será representada, na próxima época, num dos nossos primeiros teatros de declamação.

—Tereza Leitão de Barros vai entregar, a uma empresa teatral, a sua peça histórica, em três actos, «Marquesa de Alorna».

—Deve aparecer à venda, nos primeiros dias de Outubro, editado pela Empresa Nacional de Publicidade, um livro de Matos Sequeira e Alberto Sousa, que vai constituir um grande acontecimento gráfico.

—O grande dramaturgo Pirandello, que é, neste momento, nosso hospede, tem cinco peças inéditas que terão as suas «premiéres» em diferentes partes do mundo.

—«Curva no Espaço», é o título do livro de poemas que Carlos Queirós publicará este inverno, numa edição restricta e numerada, em papel velino de luxo, com ilustrações de Bernardo Marques.

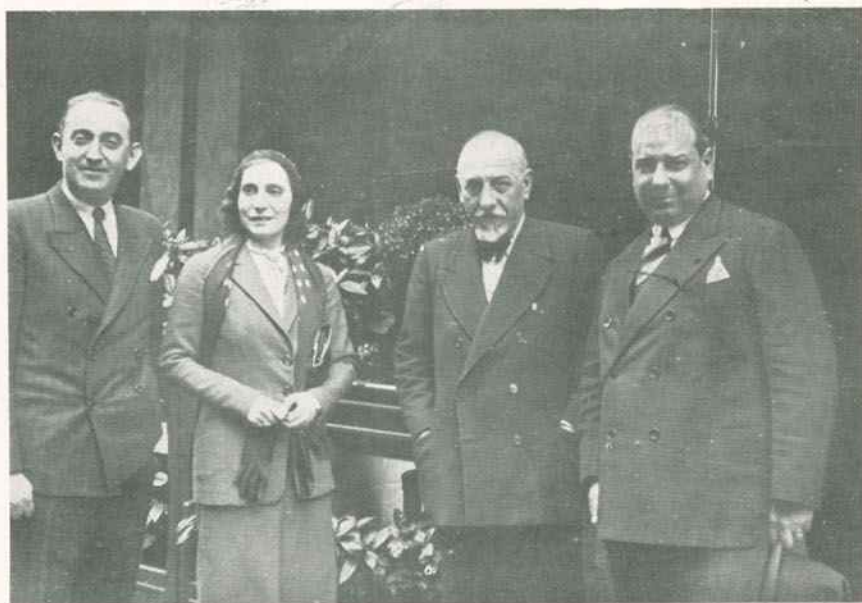
—Intitula-se «Cartas que me foram devolvidas», o próximo livro de António Boto.

—«Ilustrações» publicará, num dos seus próximos números, uma peça inédita em 1 acto, de António Ferro: «Greta Garbo, Charlot, etc., etc.».

—«Ilustrações» vai dedicar vários números especiais, no próximo inverno, a algumas das cidades mais interessantes de Portugal.



LINO FERREIRA, VISTO POR TEIXEIRA CABRAL.



SÁUL COLIM, MARIA ABBA, LUIGI PIRANDELLO E ANTÓNIO FERRO

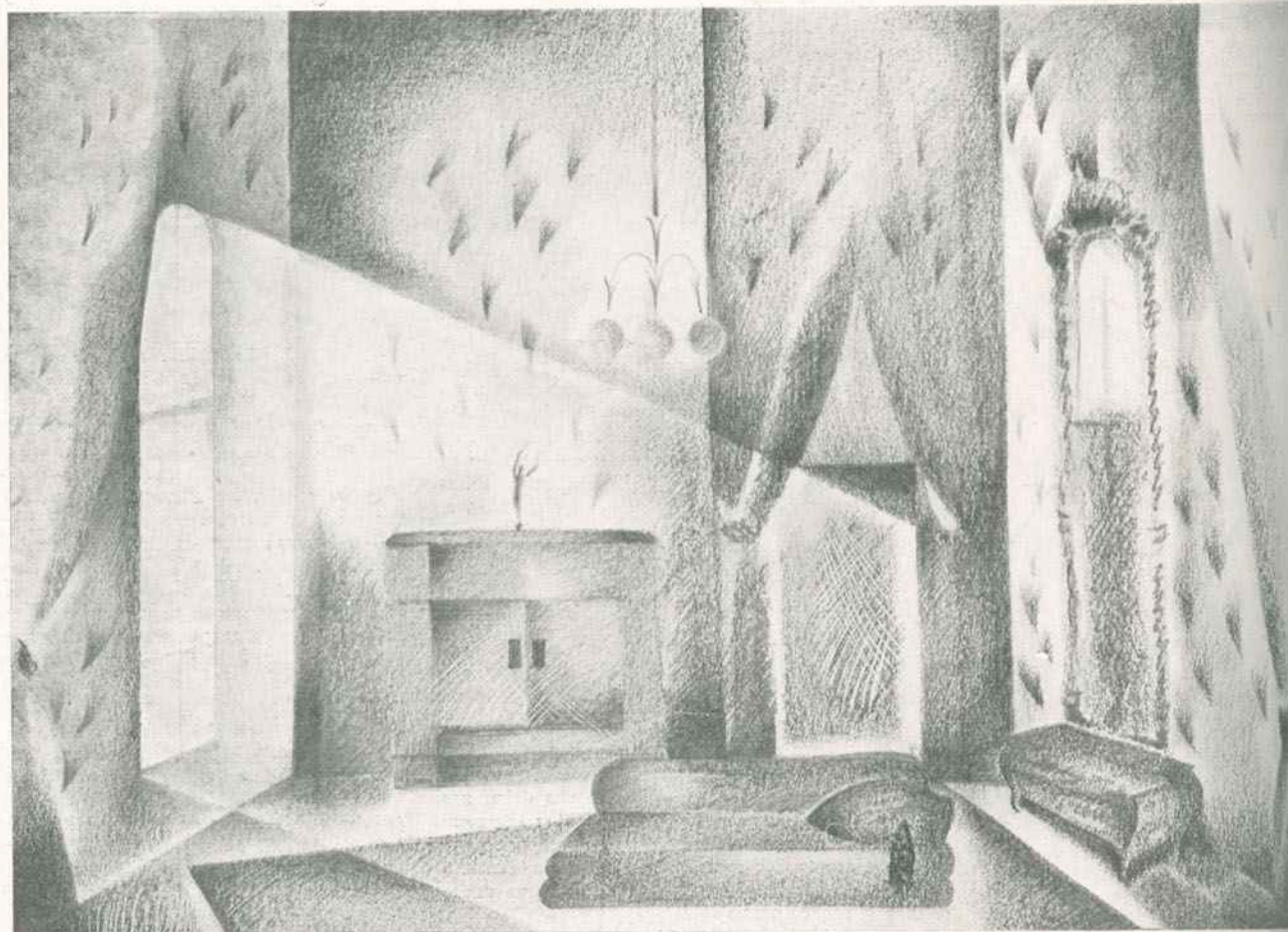
A intelectualidade portuguesa vai merecer a honrosa visita de Luigi Pirandello — um dos mais admiráveis escritores de teatro do mundo civilizado. Ninguém ignora a influência da sua arte, da sua maneira, no actual momento teatral. Pirandello revolucionou, completamente essa velha arte, não se limitando apenas a transformá-la a aparência (como outros reformadores notáveis) mas revolucionando-o por dentro.

A vinda de Pirandello a Lisboa merece por isso o maior destaque, não só por ser um grande vulto contemporâneo, mas porque tanta foi a sua gentileza para conosco que no próximo Congresso Internacional de Crítica será representada no Teatro Nacional, e por artistas portugueses, a sua interessantíssima peça inédita *Um sonho... (Mas talvez não...)*, em cenário certo do pintor Cotinelli Temo.

Como este enormíssimo acontecimento de arte não carece de comentário, a *Ilustração* nada mais tem a dizer.

Pirandello em Lisboa!

Um sonho... (Mas talvez não...)



«MONTAGEM DO CENÁRIO PARA A PEÇA DE PIRANDELLO, POR COTTINELLI TEMO

UMA NOITE NO PARQUE MAYER



O ASPECTO NOCTURNO DA FACHADA DO «CAPITÓLIO» — (Foto Haroldo de Novais)

Os frequentadores do Parque Mayer dividem-se em duas categorias: os que têm coragem para entrar na barraca da *Mulher transparente* — e os que não têm. Como me orgulho de pertencer à primeira, assumo a responsabilidade de aconselhar em seu nome os da segunda a irem antes preencher as lacunas do *Tamariz* do Estoril.

Eu também hesitei, confesso. Parei algumas vezes defronte dela, sem me atrever a entrar, gramaticamente desorientado com o pregão do empresário: «A última maravilha do século vinte, meus senhores! É uma mulher viva que tudo se vê através do corpo dela!»

Muito no íntimo, uma curoisidade doentia empurrava-me para lá: Anda, vai ver! Não percebes que a mulher transparente é a mulher ideal?! Até que uma vez, passando mais próximo da barraca, quando ouvi o homem perguntar-me, numa voz de confiança brê-

jeira: «o cavalleiro já viu este fenómeno?» — apeteceu-me ter atrás de mim um batalhão mixto de tímidos e snobes, ao qual gritasse, heróicamente, esta frase napoleónica: Avante! Os parques não se fizeram para quem teme o ridículo!...

A *Mulher Transparente* foi o meu baptismo de fogo. É certo que não era bem aquilo que eu tinha idealizado, mas senti-me, à safda, capaz de tódas as audácias.

Bem, — disse comigo — agora já posso comer *miombas*, atirar ao alvo, jogar a *laranjinha*, sentar-me serenamente no «Pavilhão das Variedades».

Onde não há mistério — uma pontinha que seja — não pode haver interêsse. Mas nem por isso o templo da «Esfinge» (que «caricaturiza modernamente em poucos traços, revela o carácter e fornece um barómetro que define o tempo por cores!») deixa de estar às mósas.

A culpa é do empresário, que se esqueceu ou ignora que os portugueses, depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia, passaram a desconfiar da fartura. A «Pitonisa do Ganges», cujo *tubo grafológico*, pelo mesmo preço, só revela o carácter e prediz o futuro, consegue reunir a seus pés um número mais avantajado de crentes.

Os portugueses desconfiam da fartura, mas não desconfiam das *farturas*. O calembur é frouxo, mas o paradoxo é autêntico: A prova é que as *farturas* já estavam quási a passar de moda, até ao dia em que o proprietário da barraca teve a ideia genial de aumentar-lhes o preço e diminuir-lhes o comprimento. Agora, com trinta centímetros a menos e alguns escudos a mais, os antigos fregueses da Feira



UMA DAS BARRACAS MAIS PITORESICAS DE YERO AO ALVO — (Foto Haroldo de Novais)

de Agosto voltaram todos, como filhos pródigos: «Assim, sim; já acreditamos que isto não seja feito com cuspo!»

Num medalhão, ladeado por cópias quasi fiéis de quadros de Malhóa, dois retratos dominam a barraca vetusta, que passou a chamar-se, por modéstia, «Musical-Cinema-Parque»: São os fundadores.

Qual dos dois será o Júlio I desta respeitável dinastia de Júlios?! O da direita? Mas no bigode do outro, de guias mais retorcidas, há mais magestade, mais prestígio... Eis um problema digno da atenção da nossa Academia das Ciências.

Voltando aos fenómenos, sempre lhes quero confessar que não posso levar a bem a penúria actual do Parque Mayer. Lá que tivessem substituído o labirinto e a roleta diabólica pelo «Capitólio», vá!



ONDE SE PREDIZ O FUTURO... — (Foto Horácio de Novais)

-me o desconhecido, familiarizou-me com o sobrenatural...

Nota: O que mais impressiona na *mulher transparente* é o ar de lástima com que se deixa observar, uma expressão vexatória de quem pensa: Coitado! êste também acredita!...

As barracas de tiro ao alvo merecem um poema: Desde os títulos («Carreira de tiro Guilherme Tell», «Bosque Artemisa», etc.), até à maneira súplice e convincente como as raparigas atraem a clientela: «ó cavalheiro, venha dar um tirinho!».

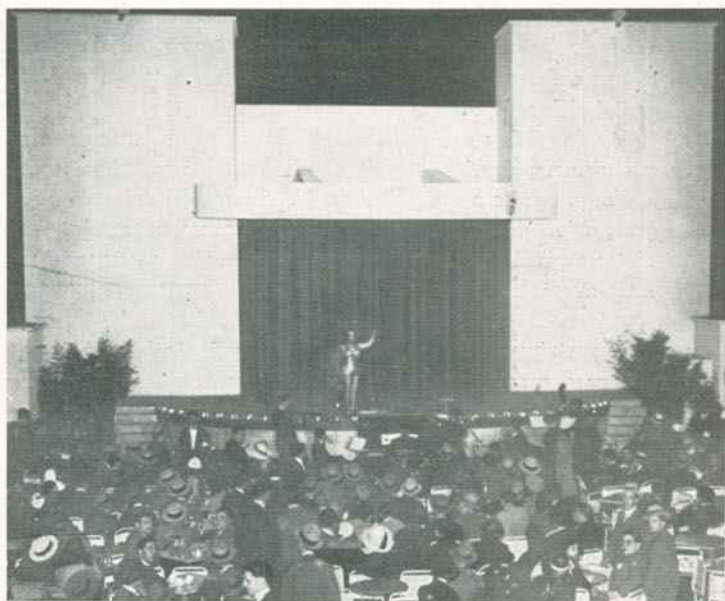
Não se pode resistir. Embora não se aperceba disso a grande maioria dos fregueses, o que sugestiona e atrai nessas barracas tóscas, por uma forma indirecta mas dominadora, é a poesia:— os pequenos *carrousseis* de pucarinhos de barro, os bonecos imprevistos que surgem

por detrás das tampas, o repuxo onde se equilibra, como por milagre, uma bola de celuloide... tudo isso é mais atraente pelo que tem de poético do que pela facilidade com que tenteia o vício da destruição.

Em algumas, as decorações do pano de fundo dir-se-iam executadas por discípulos de Henry Rousseau; outras, lembram a imaginação pictoral dos artistas russos; e em todas se faz sentir o espírito da moderna poesia brasileira, frívolamente objectiva, mas cheia de ternura.

O «Castelo dos Mouros» nunca foi tão parecido com o autêntico como agora: até está em ruínas. Porém, não faltam casas de pasto aos amadores de petiscos: o «Germano da laranjinha», a «Casa dos lagartos», e mais, em ordem decrescente de valor histórico, até ao «Lido», que foi aleunhado de *pátio das osgas*.

Também tem especial interesse o restaurante do João Borges, velho revolucionário do tempo da propaganda,



O PALCO DO TIBERAZÃO DO «CAPITÓLIO» — (Foto Horácio de Novais)

Mas terem despedido a *mulher-sereia* e as *pulgas amestradas*, essas inverosímeis miniaturas de cavalos de circo que a empresária alimentava com o sangue do seu próprio braço, é que eu não posso compreender.

É certo que desde o dia em que o *bode das cinco pernas* e a *mulher aranha*, da Feira de Agosto, inspiraram à minha imaginação infantil alguns pesadelos sinistros, tinha passado a considerar os fenómenos com desconfiança e enjôo. Mas a *mulher transparente* reconciliou-me com êles. O buraco do seu umbigo abriu-me horizontes novos, revelou-



A «MULHER TRANSPARENTE» E A «PITONISA DO GANÇES» — (Foto Horácio de Novais)



UM ASPECTO DE FIM DE SESSÃO DO THEATRO «VARIEDADES»
(Foto Horácio de Moraes)

que vem sentar-se para a porta, em *pendant* com a mulher, impenetrável e ro-tundo.

Tôdas estas casas, na misteriosa confecção das suas especialidades (a saber: caldo verde, *miombas*, *farturas*, sardinhas, *cachorros*, *iscas*, etc.), espalham no ambiente do Parque um cheiro mixto de assados e fritos — que empalidece os ingleses.

Na «Catedral do Fado» é conveniente entrar, já não digo depois de largar os sapatos à porta — como nos templos de Buda — mas, pelos menos, nos bicos dos pés.

Também não aconselho a lá ir quem estiver constipado e não tenha aprendido em pequenino, com uma tia velha, a fórmula secreta das expressões beatas.

O «Pavilhão das Variedades», onde às vezes se exibem revistas, é simplesmente indescritível. Só o desenhador Bernardo Marques poderia dar ao comovedor pitoresco dos cenários, das estrélas, do *compère* e das *girls*, a consagração que merece.

Sugere uma *mise-en-scène* de Charlot, daquelas que nos deixam na dúvida se devemos rir ou chorar.

Quando se entra na barraca do «Pôrto em Lisboa», maquiavélica miniatura animada, tem-se a impressão de ter descoberto uma obra palpável dum engenheiro português. Puro engano: quem concebeu e construiu toda aquela fantástica maquinaria, foi o senhor Alpoim, —



A ENTRADA DO PARQUE — (Foto Horácio de Moraes)

A MINIATURA ANIMADA DO «PÔRTO EM LISBOA» — (Foto Horácio de Moraes)



negociante de vinhos em Vila Nova de Gaia!

No «Galo de Ouro» exibem-se variedades, joga-se o *quino*, come-se e dança-se. Como quási todos os estabelecimentos do Parque, também foi renovado: é o antigo «Alhambra», mas continua parecido. Respira-se lá uma atmosfera de «Morte de D. João», daquelas que Junqueiro dizia, — a rimar com *opaca* — que se podem cortar à *faca*.

Guardei propositadamente para o fim os teatros e o «Capitólio». Os primeiros, apenas para dizer que não me sugerem nada para dizer. Quanto ao «Capitólio», para lamentar a minha impossibilidade de trocá-lo com o monumento ao Adamastor, que é, em pura linguagem de empresário de fenómenos, «um monstro que nada se vê através do corpo dêle».

Há uma coisa no Parque Mayer que me impressiona mais do que tôdas: é a raridade com que se lá vêem crianças. Mas não admira que assim aconteça, depois de as terem privado do *carroussel* e dos *fantoches*.

Todos os divertimentos lhes são inacessíveis, todos os jogos interditos: Não chegam à craveira da *Esfinge*; não podem com as bolas da *laranjinha* nem com as espingardas das carreiras de tiro; se jogassem nas tómbolas, havia o perigo de lhes saír uma garrafa de Burjacas; no próprio «Pavilhão Infantil» predomina a louça das Caldas...

Só lhes resta uma distração: — ver brincar as pessoas crescidas.

CARLOS QUEIROZ.

COIMBRA

capital do lirismo

CHAMAM-LIJE: Coimbra-a-Morta, como Rodenbach chamou a Bruges. Mas não. Coimbra não é uma cidade morta. É uma cidade sem vida, em que a vida cisma, sonolenta... É essa vida contemplativa é tão intensa que transforma Coimbra num relicário ardente — um relicário ardente de fantasmas.

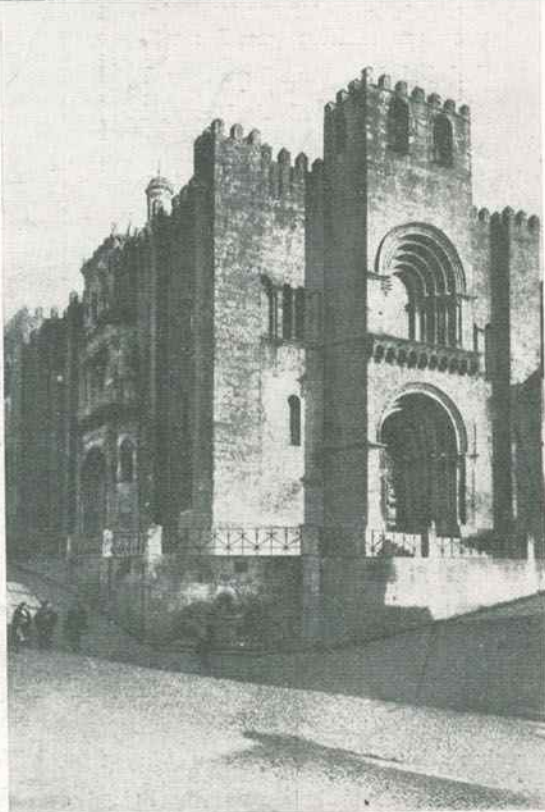
Na graça lírica das suas paisagens, no presépio acastelado da sua casaria, dominada, ao alto, pela torre esguia da Universidade — erguem-se, a cada hora, as grandes rondas da evocação. Figuras de Amor e de Boémia, vultos de Santos, imagens de Guerreiros. E, sobretudo, a grande procissão devota dos Poetas.

A história de Coimbra é, na verdade, contada pelos Poetas. Desde sempre que os Poetas se debruçam para a sua beleza triste, para a sua paz sereníssima, para a sua luz beatífica de claustro. Por isso mesmo a história de Coimbra ganhou o contorno misterioso dumã lenda — que, de geração para geração, se transmitem os mais bizarros intérpretes da saudade portuguesa.

Não é justo ver, em Coimbra, uma cidade morta. A própria morte a sua alma extranha concede uma nova vida. No espelho inerte do Mondego, foram-se guardando, ano a ano, século a século, todas as miragens da Raça. Tesouro escondido, que faz de Coimbra a eterna capital do lirismo lusitana...

EM CIMA — BARCOS NO RIO MONDEGO

(Foto Rocha Brito)



Ouçam o grave queixume da canção camoneana:

*Vão as serenias águas
Do Mondego descendo
E mansamente até ao mar não param;
Por onde as minhas mágoas,
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram...*

É ouçam ainda o mesmo tema que Diogo Bernardes encien de melancolia:

*Já do Mondego as águas aparecem
A meus olhos: não meus, antes alheios,
Que doutras diferentes vindo cheios
Na sua branda vista ainda mais crescem...*

As águas do Mondego! Prendem-se, na sua corrente vagarosa, os sonhos, as tragédias, as aspirações dolorosas de todos os Poetas! No seu curso, levam todo o coração português, fibra a fibra, desfeito em sangue... E ninguém resiste ao seu abismo claro e venenoso... Quem não conhece as quadras sombrias de Antero de Quental, olhando o rio, fatal como um bruxedo?

*Tu, ao som dos teus salgueiros
Levas as tuas arcias...
Eu ao som dos meus desgostos,
Levo estas negras idéias...*

A SÉ VELHA DE COIMBRA

*Lindas águas do Mondego,
E os salgueiros a cantar!
Quando a cheia é de tristezas
Ninguém a pode passar!*

É Eugénio de Castro, ante o seu malefício transparente, fala-lhe como se fala a um amigo perverso, tenta desviar-lhe a corrida leviana:

*Pára, Mondego! Pára, não prossigas,
Prateado rio, não caminhaes para o mar;
Ouve da minha boca as palavras amigas,
Que te podem salvar!*

*De ambicioso que és, até parece
Que tens um fragil coração humano;
A ambição te subjuga e te endoidece,
Rio, quer's ser oceano!*

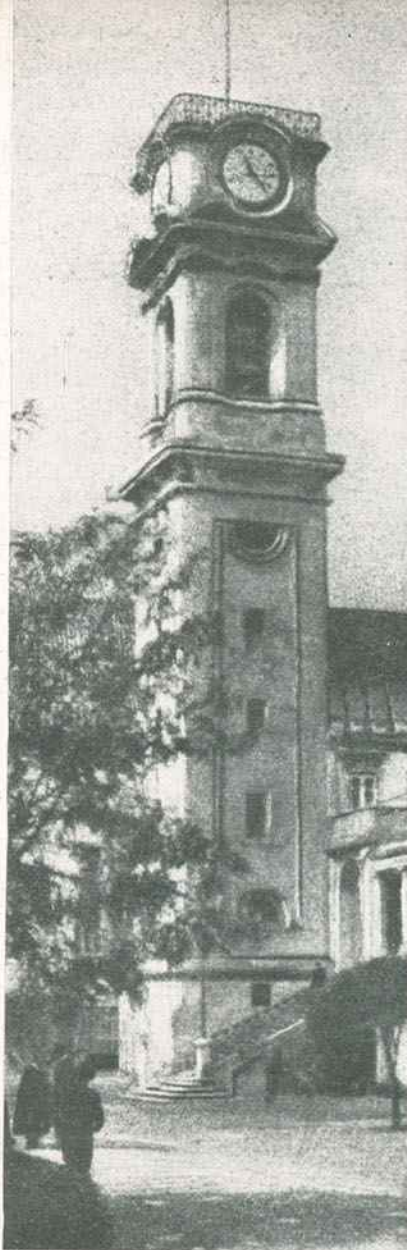
*Busca na solidão um carinhoso abrigo,
Enjorca as ambições que te andam a tentar;
Pára, meu doce, meu prateado amigo,
Não corras para o mar!*

O Mondego, no entanto, corre sempre. Mas não arrasta para o mar as suas relíquias profundas. Todos aqueles que, nas tardes longas de outono, entre as músicas remotas do passado, interrogam o segredo das suas águas — sabem que elas são as mesmas de outrora, e que, no seu abismo, dormem, dum sono ligeiro, as canções mortais que ali passaram...

Há o sortilégio de Coimbra. Se continuam a chamar-lhe — a Morta, é porque, nas dobras azuladas do seu rio, Coimbra mantém, frias e líridas, as suas quiméras mortas. Há um sabor de além-túmulo no seu panorama espectral, no cenário florentino circundado, em moldura, pelos choupos negros... Nada mais dissolvente do que trazer a Coimbra um drama interior, um conflito moral. Sente-se que logo, de todos os cantos do horizonte, se erguem visões rodeando, voluptuosamente, o novo calvário... É perde-se, na vasta lassidão, o pobre sofrimento que vem tarde... Dir-se-á que vibra, no ar, no ar onde yramam tantas queixas, uma desesperada ironia. Tinha razão António Nobre, na célebre *Carta a Manuel*:

*Foi Coimbra. Foi esta paisagem triste, triste,
A cuja influencia a minha alma não resiste...*

Influência de pesadêlo renascido, onde só há gritos de amargura. Influência que, ao



mesmo tempo, contagia e pacifica. Mas pacifica tormentosamente, talvez para melhor insinuar a sua feiticaria sinistra...

Continua António Nobre, um pouco adiante:

*Que lindas coisas a lendária Coimbra encerra!
Que paisagem lunar que é a mais doce da terra!*

Coimbra-a-morta? Não. Coimbra-imortal! Não se apagará nunca o estranho encanto da tua presença cheia de presenças, do teu prestígio feito de todos os prestígios silenciosos da morte que revive. Como num mosteiro se não sente passar o tempo, e o espírito, desincarnado, paira sobre os tumultos efêmeros — neste burgo medieval o tempo não passa, prolonga-se... Um novo eco vem acordar, em cada ruína, ecos esvaídos. Um perfil de hoje reproduz, em alucinação semelhante, inúmeros perfis que se afastaram. É uma perpétua chama de renovação agita e exalta o sacrário do lirismo português.

Afonso Lopes Vieira confiou-nos o seu sonho enternecido em que visionava Coimbra morta:

*Sonho que Coimbra morreu
(último golpe profundo!)
e que a alma lhe desceu
do seu brando rio ao fundo.*

*Tal Santa Iria no Tejo,
já Coimbra dorme em socêgo,
sorrindo ao eterno beijo
no sepulcro do Mondego.*

*O rio abriu-lhe o seu peito
e acariciando-lhe a dôr,
deu-lhe nos lábios, com gozo,
um grande beijo de amor.*

*E vêm, p'las brumas violetas
trazer-lhe as suas canções,
os fantasmas dos poetas
guiados pelo Camões.*

Também eu trouxe aqui os fantasmas dos poetas, guiados pelo de Camões, a encher de canções a imortalidade lírica de Coimbra. Deixei até que os poetas falassem mais do que eu — falassem sozinho... Mas não comecei por lhes dizer que Coimbra é a capital do lirismo português — e que só os poetas portugueses sabem contar a sua história?

JOÃO AMARAL

É TORRE DA UNIVERSIDADE — VISTA DE COIMBRA — UMA TRUICANA (Fotos Rocha Brito)



DOURO

imagens dum filme português

A falta de estúdios, e de elementos técnicos, faz com que os portugueses, que se apaixonam pelo cinema, limitem a sua actividade à realização de documentários.

A paisagem, os costumes, o pitoresco do ambiente e certa inclinação natural do português para o descritivo, auxiliam essa tendência.

Finalmente, a obrigação de projectar cem metros semanais em todos os cinemas também contribuiu para que a realização de documentários se industrializasse.

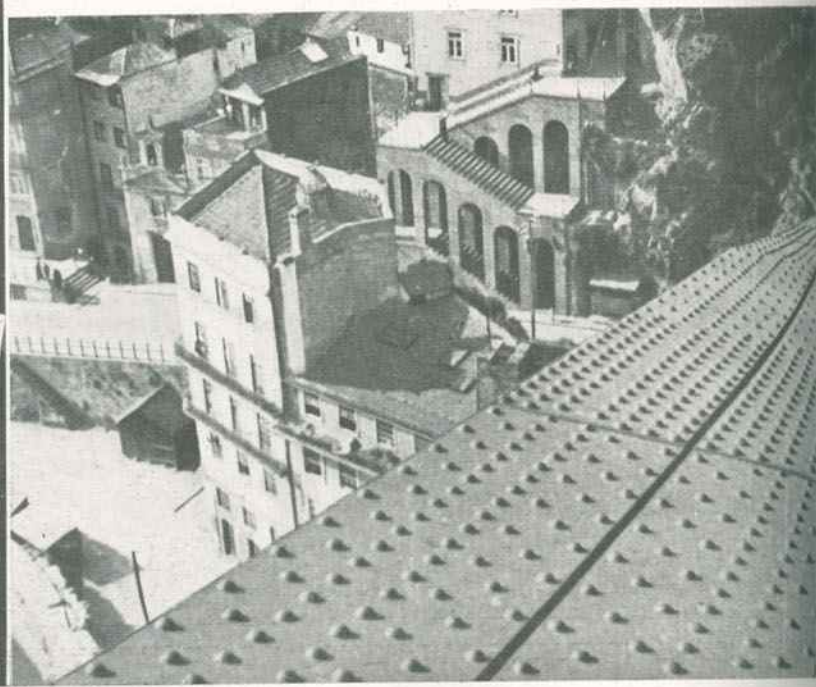
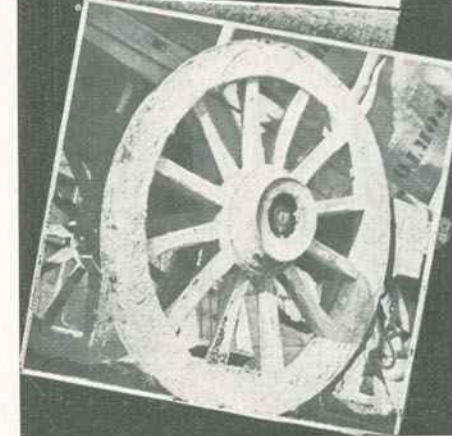
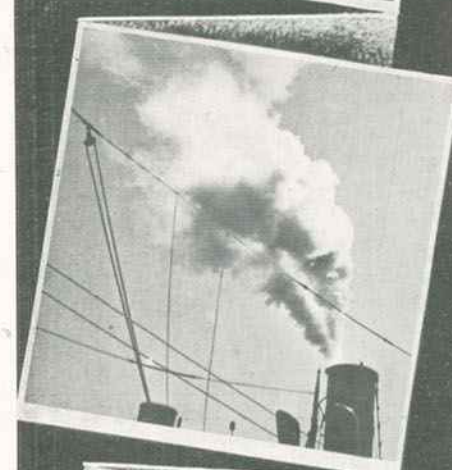
Devemos confessar que a maioria desses filmes, exibidos nos nossos *écrans*, são duma qualidade inferior insuportável. Longe de despertar

em nos espectadores o entusiasmo e o orgulho, pelo contrário, provocam o tédio e a desconfiança. A maioria dessas películas — com metros de paisagem mal fotografada, mal impressa, cheia de pintinhas, provoca bocejos.

Aparecem no *écran* como uma acustição: «Queres conhecer o estado do cinema português? Pois, então, vai vê...»

A luz apaga-se. A bobine desenrola-se e no pano branco surgem as inevitáveis inaugurações de pontes, as infalíveis ruas da cidade tal, o jardim público com duas meninas feias, cheias de vergonha, etc., etc.

O público olha e pensa: «Meu Deus! ainda vamos aqui!»





Felizmente, no meio destas obras de mau gosto, aparecem, por vezes, alguns filmes notáveis, merecedores de elogios.

A citação de *Nazaré, prãia de pescadores*, de Leitão de Barros, *Alfama*, do dr. João de Sá, e *Lisboa*, é clássica e merecida, porque foram os únicos documentários que conseguiram destacar-se e criar motivos de orgulho na alma dos portugueses.

Esta lista foi agora enriquecida com mais uma pelécula, *Douro, faina fluvial*, realizada por António



Mendes e Manuel de Oliveira, que, a julgar pelas fotografias, publicadas nestas duas páginas abertas, merece o nosso entusiasmo.

Tôda a vida de trabalho do rio Douro, a faina das mulheres nos barcos rebêlos, os costumes, as festas, as paisagens das suas margens, surgem neste filme, realizado por dois homens modernos que pretendem reabilitar a palavra «documentário», tão desacreditada em Portugal.

F. S.





REALIZOU-SE NO FÓRTO A INAUGURAÇÃO DO PRIMEIRO PAVILHÃO DA CASA DOS POBRES, INICIATIVA DE ASSISTÊNCIA QUE MERECÊ A SIMPATIA DE TODOS OS PORTUGUESES. — (Foto Platão Mendes)

O QUE ACONTECEU EM PORTUGAL DURANTE A QUINZENA PASSADA



PARTIDA DE LAGOS DOS CORREDORES QUE CONCORREM À GRANDE PROVA CICLISTA «VOLTA DE PORTUGAL», INICIATIVA DO JORNAL «OS SPORTS», QUE TEM TIDO UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO. — (Foto Diário de Notícias)



O ACTOR ERICO BRAGA APRESENTANDO, AO PÚBLICO DO COLISEU, A RAÍSTA DAS COSTUREIRAS DE LISBOA



PARTIDA PARA O «GRANDE PRÊMIO» NAS CORRIDAS DE CAVALOS QUE SE REALIZAM EM MIRAMAR, PERTO DO FÓRTO. — (Foto Platão Mendes)



A FONTE QUE, HÁ UMA SEMANA, FOI INAUGURADA NA FOL DA PÓRTO, A 2500 METROS DO FÓRTO. — (Foto Platão Mendes)

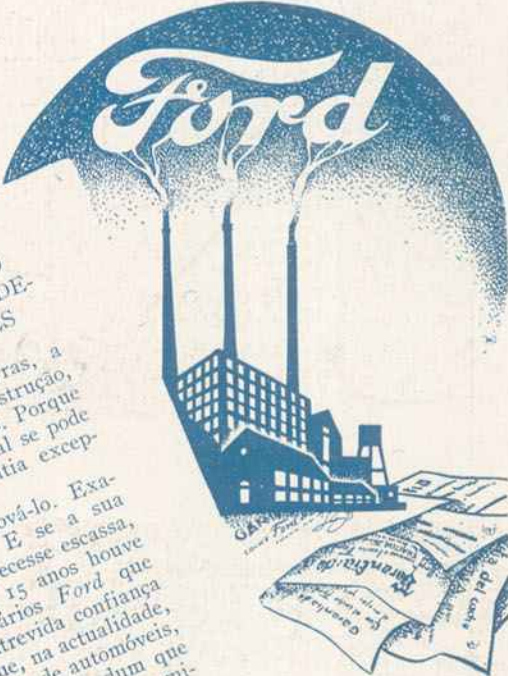
F

Se se lhe pedisse uma garantia para sempre... para alguma coisa de sua produção, que classe de material, que mão de obra, que cuidados empregaria?... Naturalmente o melhor do melhor, da mais alta qualidade, tudo aquilo que contribuisse a cobrir ilimitadamente a sua responsabilidade.

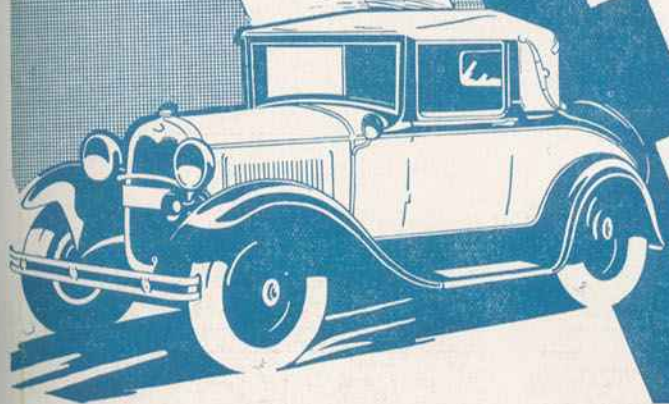
O COCHE FORD É O ÚNICO QUE GOZA DA GARANTIA INDEFINIDA DOS FABRICANTES

e isto descreve, em duas palavras, a excepcional categoria da sua construção, do seu desenho e do seu serviço. Porque só para um produto excepcional se pode dar sensatamente uma garantia excepcional.

A si corresponde comprová-lo. Examine, prove, pergunte... E se a sua própria indagação lhe parecesse escassa, tenha em conta que em 15 anos houve 20.000.000 de proprietários Ford que puseram à prova tão atrevida confiança dos construtores... e que, na actualidade, de cada três compradores de automóveis, há, sem dúvida alguma, mais dum que se decide seguir a prova dos vinte milhões.



De todos os qual seja de
em Madrid a honra de ter
Luis M. Hincos



Ford Motor Iberica
BARCELONA Fordon
LINCOLN Ford MONOPLANO TRIMOTOR

Roadster	Esc. 20.500
Facçon	» 21.100
Sedan duas portas.....	» 22.200
Cabriolet	» 24.800

Preços FOB Lisboa, sendo à parte os gastos de transporte de Lisboa ao ponto final de destino.

O Lubrificante ideal

para a caixa de velocidades,
diferencial e chassis



GARGOYLE MOBILGREASE é um produto inteiramente distinto das massas vulgares para chassis, sobre as quais oferece as seguintes vantagens

- a) Possui extraordinária aderência às superfícies metálicas, permitindo aumentar os intervalos das aplicações. É preciso aplicar menor quantidade de cada vez e a sua duração é, pelo menos, dupla.
- b) Resiste fortemente à entrada de água, poeira e lama, o que é importante por permitir aos carros circular muito tempo à chuva sem inconveniente, não é arrastado pela água da lavagem.
- c) Não endurece em contacto com o ar e não obstrui os canais como sucede com as massas amarelas usuais.

Mobilgrease

Vacuum Oil Co. 1017